

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 119 / Fevereiro, 2001 / Nº 2.063

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Pena de Morte

Esperança e Renovação — Juvanir Borges de Souza

Recomeço — Letícia

Perturbações Psicológicas — Manoel Philomeno de Miranda

Atualidade — Augusto dos Anjos

A Síndrome de Marta — Richard Simonetti

O Espiritismo à Luz da Crítica — Carlos Bernardo Loureiro

Cursos na FEB – Sede Seccional do Rio de Janeiro

O Espírita na sua Real Expressão — Adésio Alves Machado

Transplantes de Vida Eterna — Iaponan Albuquerque da Silva

Sede da FEB em Brasília

Esflorando o Evangelho — O Arado — Emmanuel

Pena de Morte: Retrocesso Moral e Cultural — José Carlos Monteiro de Moura

A FEB e o Esperanto – Esperanto: Mais do que uma Língua... — Afonso Soares

O Bom Senso de Kardec — J. Martins Peralva

A Missão Maior do Movimento Espírita — Paulo de Tarso São Thiago

Cinqüentenário da Federação Espírita Piauiense

Deus e o Primeiro Mandamento — Albuçacys Maurício de Paula Filho

Aos Colaboradores de Reformador

As Características do Serviço de Assist. e Promoção Social Espírita — José Carlos da Silva Silveira

Dois Naus. Um Capitão... — Kleber Halfeld

Dr. Tomás Novelino

FEB/CFN — Comissões Regionais

Seara Espírita

Assinatura de Reformador - Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: A violência está presente na Terra sob as formas de guerras, conflitos individuais ou grupais e atentados contra a vida do semelhante. Neste último aspecto, a sociedade e o Estado procuraram se defender do crime e do criminoso, adotando como punição a pena de morte. O Brasil aboliu a pena de morte em 1890; todavia, em face das tentativas de novamente introduzi-la em nossa legislação penal, o Movimento Espírita vem reagindo contra esse intento através da Campanha Em defesa da Vida. Sobre o assunto, publicamos, nesta edição, o Editorial Pena de Morte e o artigo Pena de Morte: Retrocesso Moral e Cultural, que servem de motivo para a nossa capa, a qual enaltece a Vida.

Editorial

Pena de Morte

A violência sempre esteve presente entre os habitantes deste Planeta, desde os tempos primevos.

As conquistas das sucessivas civilizações não fizeram desaparecer essa característica negativa do homem, apesar dos esforços das religiões e dos princípios ético-morais oriundos do Mundo Maior.

Na atualidade, como em todo o século e em todo o milênio que terminaram, a violência, sob múltiplos aspectos, esteve presente na Terra, ora sob a forma de guerras, ora como conflitos individuais ou grupais, retardando o advento de uma verdadeira civilização prevista e desejada pelos que já vislumbraram um mundo regenerado.

A Vida, esse bem inefável, dom do Criador de todas as coisas, é alvo constante da violência.

Ao lado dos conflitos de toda ordem – guerras totais entre nações, grupos étnicos ou religiosos – os atentados individuais contra a vida do semelhante são constantes.

A *pena de morte* imposta pelas legislações de, praticamente, todas as nações organizadas, no passado e no presente é, sem dúvida, uma das concepções, instituídas em leis, mais tristes e inseqüentes, oriundas da ignorância em que ainda se encontra o homem do princípio do 3º Milênio da Era Cristã.

Apesar do *não matarás* da revelação mosaica de cerca de 3.600 anos, da ratificação do Cristo de Deus sobre o mesmo mandamento, e da clara Mensagem do Governador Espiritual do Orbe, aceita integralmente na Revelação Espírita, há um desrespeito evidente à Lei Divina por parte dos indivíduos e dos poderes públicos.

Impor o Estado a pena de morte ao criminoso, como solução para os crimes, por mais hediondos que sejam, é, sem dúvida, um atestado de ignorância sobre a natureza do homem.

Eliminar o corpo físico do criminoso como meio de resolver um grande e complexo problema existencial, é desconhecer a natureza humana, é contrariar as concepções realistas de todas as religiões e filosofias que admitem a existência do espírito.

A Doutrina dos Espíritos, ao demonstrar que o homem é um ser dual, formado pelo corpo material, destrutível, e pelo espírito imortal, indestrutível, indica claramente que a pena capital é uma incoerência, já que a parte principal do ser, a alma, espírito encarnado, continua sua trajetória.

O mundo em que vivemos transitoriamente precisa urgentemente tomar conhecimento das verdades eternas, entre as quais a da imortalidade da alma e a da natureza humana.

A proposta da Doutrina Consoladora é a da substituição da pena de morte, em todas as legislações, pela reeducação do criminoso, como meio correto de defesa da Vida.



Esperança e Renovação

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Há muito que a esperança de um mundo melhor se conjuga à chegada do terceiro milênio da Era Cristã.

É certo que a contagem e divisão do tempo sempre foi convencional, com base nos movimentos da Terra, do Sol, da Lua, na sucessão das estações, além de outros fenômenos naturais.

A previsão do futuro está ligada, assim, à fluência do tempo.

Agora, quando começamos a viver um novo século e um novo milênio, parece-nos oportuno examinar o que se pode esperar nesse novo tempo, no qual deságuam as conseqüências do que tem sido o comportamento dos habitantes deste orbe.

É inegável o progresso realizado em todos os setores das atividades humanas, resultando nas condições atuais das civilizações terrenas.

As ciências avançaram consideravelmente, ora descobrindo novas leis que regem a matéria, ora retificando conceitos anteriores, tidos como verdadeiros.

A tecnologia, com base nas ciências e na observação, revolucionou a vida do homem, com a aplicação de técnicas, aparelhamentos novos, invenções e máquinas na produção de bens materiais de toda ordem.

O pessimismo de Malthus, com relação ao crescimento da população humana, ficou completamente superado, em seus fundamentos, pelas descobertas científicas e tecnológicas que deram outras dimensões à produção agrícola e industrial, ao comércio e à economia, dinamizando e ampliando extraordinariamente o consumo de bens e serviços.

O final do século XIX e todo o século XX constituíram um período especial de progresso, que beneficiou toda a Humanidade, no que diz respeito à qualidade da vida material.

Tomando como exemplo apenas um segmento do progresso científico – a Medicina – no último século, conseguiu ela erradicar inúmeras doenças que se constituíam em flagelos das populações que viveram em séculos anteriores.

É verdade que ainda existem doenças tidas como incuráveis. Entretanto, as pesquisas não cessam nesse campo, podendo-se prever que novos conhecimentos trarão novos resultados positivos.



É fato reconhecido que o progresso da Humanidade, como um todo, não é equilibrado nos campos material e moral-espiritual. É muito mais acentuado no terreno dos interesses materiais que no campo moral.

Esse desequilíbrio se explica pela natureza do nosso mundo e dos Espíritos que aqui habitam.

Mundo de provas e expiações, destina-se a seres imperfeitos, necessitados de aperfeiçoamento em contato com a matéria e caracterizados pelo egoísmo, pelo orgulho e seus derivados.

A Terra é mundo destinado às lutas individuais e coletivas para o aperfeiçoamento moral de seus habitantes.

“O campo é o mundo.”

Aqui teremos de realizar nossa evolução intelectual e moral.

O trabalho útil, de qualquer natureza, a busca constante do conhecimento e

a preocupação com o progresso moral são meios e formas de evolução do Espírito imortal.

Qualquer dessas formas de atividades requer dos indivíduos esforço, dedicação, compreensão, sacrifício.

Cada um constrói seu progresso com ajuda e cooperação alheia e assistência superior do Criador, “Pai Nosso”, como nos ensinou Jesus.

A presença de Deus em nossas vidas é evidente e podemos percebê-la a cada passo. Suas leis sábias dão sustentação à vida, em qualquer plano em que estejamos, vida que se manifesta também nos outros reinos da Natureza.

Os fenômenos da alimentação, da respiração, do nascimento, do desenvolvimento, das transformações dos seres vivos não podem ser explicados pelo acaso, nem pelas qualidades da matéria, mas por uma Vontade, um Poder Superior que preside e assiste a toda a criação, através de leis imutáveis e eternas.

Pobres daqueles que não percebem essas realidades evidentes, nossos irmãos materialistas, que se deixaram impressionar somente pelos sentidos físicos e negam a própria sensibilidade, a inteligência, o raciocínio e os sentimentos de que são dotados como Espíritos imortais.

Apesar das manifestações da Vida, por toda parte, embora o homem, como Espírito imortal, volte a um corpo material inúmeras vezes, e não obstante já existirem no mundo conhecimentos antiqüíssimos a respeito das vidas sucessivas, de que falam religiões, filosofias, tradições e revelações, grande parte da população terrena se obstina no materialismo e em teorias que lhe são afins.

O posicionamento do Espírito na negativa de si mesmo e de seu Criador é um dos grandes entraves ao progresso coletivo de nosso orbe.

Mas esse óbice natural, decorrente do livre-arbítrio de cada um, que torna o homem profundamente infeliz por não admitir o futuro, nem a existência do Criador, com as graves conseqüências de ordem moral-espiritual que daí advêm, tende a diminuir no novo tempo que se anuncia, por várias circunstâncias que referiremos a seguir.



O avanço dos conhecimentos científicos tem proporcionado à Humanidade revelações inesperadas que aproximam cada vez mais as ciências dos princípios denominados religiosos.

O progresso científico funciona, pois, como uma preparação e uma aproximação ante os princípios religiosos, morais, éticos, específicos do Espírito.

Nem poderia ser de outra forma, sob pena de retrocesso, eis que matéria e espírito são os dois elementos do Universo, criados pelo mesmo Criador, e, por isso, não poderia haver entre eles contradições, negações, destruições, mas sim complementação, cooperação, ajustamento.

O solo do futuro de nosso mundo, próximo ou mais além, reserva aos homens dias de mais entendimento, compreensão e solidariedade.

Há sinais positivos do início de um Mundo Regenerado em nossa Terra.

Por isso, os que já crêem na evolução coletiva e no progresso individual, os que cultivam a Esperança e a Fé, os que já praticam a Caridade como manifestação do Amor ensinado pelo Cristo de Deus, os que já aprenderam a servir, os que se preocupam com a Educação das novas gerações e não somente com a instrução nos termos atuais, os que se sensibilizam diante da pobreza extrema e da miséria material e moral de milhões de seres humanos, enfim, os que já despertaram para atuar no imensurável campo do Bem, sob múltiplas formas, vêm

chegada a hora de agir, de trabalhar, de se sacrificar para a transformação da mentalidade ora predominante em nosso mundo.



A transformação da Terra, mundo de expiações e provas, em mundo regenerado está prevista na Revelação Espírita.

Ela é consequência natural da Lei de Progresso, mas, evidentemente, dependerá da atuação dos próprios homens, especialmente do empenho e sacrifício dos que estão na vanguarda do movimento regenerador, como os espíritas sinceros.

Mas há trabalhadores do Bem em todos os segmentos da população mundial, no seio de todas as grandes religiões do Oriente e do Ocidente e nos setores das ciências.

Para nós, espíritas, esclarecidos pelos princípios universalistas da Doutrina Consoladora, não se torna difícil valorizar e partilhar os postulados comuns que unem todas as religiões, por serem valores eternos já conhecidos pelos homens de todas as latitudes, independentemente de sua nacionalidade ou etnia.

Podemos unificar nossas forças e convicções em torno da idéia de Deus, o Criador do Universo e

de todas as coisas que existem, idéia comum a todas as religiões. Dela deriva a fé viva, a esperança, a fraternidade, o amor, bases essenciais para a construção de uma nova civilização.

Essa força centralizadora dos valores espirituais, ínsita em todas as denominações, desde as grandes religiões até às de menor âmbito, como as dos indígenas e dos grupos tribais, facilita a compreensão entre os homens, induzindo-os à prática do Amor em suas múltiplas formas, como se pode observar em alguns itens do compromisso assinado recentemente pelos líderes religiosos e espirituais reunidos em agosto de 2000, na sede da ONU, em Nova York:

– “Nós, líderes religiosos e espirituais, reconhecemos a nossa responsabilidade especial para com o bem-estar da família humana e a paz na Terra.”

– “Considerando que as tradições religiosas e espirituais são a fonte central na construção de uma vida melhor para a família humana e toda a vida na Terra.”

– “Despertar em todos os indivíduos e comunidades o senso da responsabilidade, compartilhada entre todos, pelo bem-estar da família humana como um todo, e o reconhecimento de que todos os seres humanos – independentemente de religião, raça e origem étnica – têm o direito à educação, à saúde e à oportunidade de obter uma subsistência segura e sustentável.”

– “Praticar e promover em nossas comunidades os valores da paz interior, incluindo especialmente o estudo, a prece, a meditação, a noção do sagrado, a humildade, o amor, a compaixão, a tolerância e o espírito de serviço, que são fundamentais para a criação de uma sociedade pacífica.” ●

Recomeço

Amadados irmãos em Jesus, cada mudança de calendário é sempre um recomeço. E cada recomeço traz inumeráveis oportunidades para lavar as mágoas do coração, retemperar o ânimo abatido, reajustar roteiros, endireitar os passos no caminho, clarear a visão das coisas, aprimorar a inteligência, aprender mais e ensinar melhor, compreender e perdoar, ajudar e servir, fortalecer a chama da fé, renovar os canteiros da esperança, acrisolar sentimentos, revigorar ideais, sublimar pensamentos, santificar a vontade e expandir o amor, para que o novo ano que começa seja, realmente, para nós e para todos, um Ano Bom, repleto de prosperidade espiritual e luz divina.

Fraternalmente,

LETÍCIA

(Mensagem psicografada por Hernani Trindade Sant'Anna, em 28-12-1995, no Grupo Ismael, da Federação Espírita Brasileira.)

Perturbações Psicológicas

A sociedade contemporânea, rica de cultura e assinalada por tecnologia de ponta, apresenta-se pobre de sentimentos morais elevados e de conhecimentos espirituais libertadores.

Toda a conjuntura vigente e discurso comportamental apresentado são estabelecidos pelos ditames do hedonismo feroz que derrapa, não poucas vezes, na crueldade alucinada.

Fosse diferente a situação e os crimes hediondos como a violência, a guerra, o aborto, o suicídio, a pena capital, os vazios existenciais e outros, teriam cedido lugar à paz, à fraternidade, ao auxílio recíproco, à vida em todas as suas expressões, propiciando clima espiritual de entendimento e compreensão dos problemas humanos.

Sucede que o espiritualismo dogmático ancestral, sem possibilidade de iluminar as mentes e de dulcificar os corações com informações claras e lógicas sobre a realidade do ser e da vida fora da matéria, perdeu a vitalidade, mantendo-se como formalismos sociais e mecanismos de evasão, promovendo o personalismo de alguns indivíduos em prejuízo do esclarecimento indispensável das massas.

Não mais inspirando respeito pelo temor, em razão das aberturas e facilidades para o prazer, lentamente anui com as doutrinas políticas e econômicas dominantes, conforme ocorreu no passado, distanciando-se dos objetivos que parecia perseguir.

A sede insaciável de gozo e os apelos desenfreados sugeridos pela mídia, exclusivamente para os apetites sensuais e as concessões permitidas pelo poder, desvairam, levando multidões ao desenfreio, para logo tombarem em perturbação, em letargia, em depressão...

Compunge acompanhar-se a marcha crescente da pobreza moral expressando-se na miséria econômica, social e espiritual, dizimando ideais de enobrecimento e pessoas desequipadas de harmonia interior, que lhes tombam nas malhas sem cessar.

A falência da fé religiosa é evidente ante a predominância dos interesses e arrastamentos mundanos, em uma torpe ilusão de perenidade do corpo e dos seus equipamentos.

Tornando a enfermidade, a morte, os insucessos e prejuízos, figuras remotas de aparecer no palco da existência física, exclui-se a realidade do comportamento existencial com promessas de prazeres inexauríveis, que o tempo, no entanto, consome, cedendo lugar às provações rudes e às dores acerbadas.

Esse tipo de cultura voltada para o corpo e para o gozo material constitui cruel engodo que o pensamento utilitarista dissemina, para distrair as mentes e dominá-las, deixando-as vazias e perturbadas.

É natural que a ânsia advinda pelo terrível desejo de cada qual afirmar-se pela posse, pelo exterior, frustrate e faça estertorar aqueles que se afadigam pelo conseguir, e ante a impossibilidade de alcançarem, revoltam-se ou entregam-se ao desencanto, que igualmente assinalam estes dias com solidão, desconfiança, ressentimento e amargura.

Instalam-se, então, distúrbios psicológicos que lentamente vencem a sociedade, que mergulha no uso de drogas químicas variadas, ora com finalidade terapêutica, momentos outros como fuga infeliz, tornando-se sonâmbulos telementalizados e conduzidos por outras mentes desvinculadas do corpo que pululam fora do mundo físico, na dimensão espiritual.

Distúrbios psicológicos avolumam-se nos grupos sociais, decorrentes dos

fenômenos endógenos e exógenos, favorecendo a instalação de obsessões, a princípio sutis, depois, graves no seu conteúdo psíquico pernicioso.

É muito fácil, no entanto, reverter o quadro, mediante a mudança cultural e moral dos indivíduos, voltando-se para os valores do Espírito e da sua imortalidade, sem qualquer prejuízo para a vida física, antes concedendo-lhe qualidade, meta e meios adequados para torná-la feliz.

Em todos os tempos, missionários do Bem e apóstolos do amor mergulharam na névoa carnal, convidando a sociedade à reflexão, ao equilíbrio, à morigeração dos costumes primitivos e à ação meritória através de cuja dieta se tornaria factível a sintonia com a Realidade, com a Vida.

Esquecidos ou desconsiderados, ignorados ou perseguidos, conseguiram, não obstante, desincumbir-se da missão a que se afeiçoaram, mas os frutos que ofereceram não se fizeram expressivos, a ponto de sensibilizar aqueles aos quais foram doados.

Os apetites desenfreados vêm impulsionando os seres em detrimento das lúcidas conquistas da razão.

Entrementes, as comunicações mediúnicas fazem-se ostensivas neste momento e multiplicam-se em toda parte como estratégia do Mundo Espiritual, a fim de despertar aqueles que se encontram anestesiados, enfermos ou perturbados, para que se libertem desses transtornos psicológicos e dos desaires morais, conseguindo renovação interior e saúde para recomponem a existência ameaçada.

A hora é grave, estando a exigir decisões coerentes e seguras para a instalação do *reino de Deus* nos corações, iluminando as consciências com as notícias da vida espiritual e sua causalidade.

Neste pandemônio de perturbações de toda ordem, que decorrem da psicológica, faz-se inadiável a mais ampla divulgação do Espiritismo e de suas libertadoras propostas de lógica para contrabalançar a força ciclópica do materialismo que domina a sociedade.

Ampliar as informações sobre a Espiritualidade e a erraticidade, sobre a *Lei de Causa e Efeito*, é dever de todos aqueles que já despertaram para Jesus e a própria consciência, assim contribuindo em favor da Humanidade e do seu próximo vencido pelas perturbações psicológicas ampliadas pelas obsessões.

Ninguém pode se escusar desse dever de solidariedade humana e de conscientização dos próprios deveres ante a Vida e Deus. Em assim procedendo, estará desincumbindo-se do dever de consciência, auxiliando hoje, conforme foi auxiliado oportunamente, quando de alguma forma se encontrava em situação semelhante.

Manoel Philomeno de Miranda

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião mediúnica da noite de 3 de julho de 2000, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Atualidade

Torna Caim ao fausto do proscênio.

A Civilização regressa à taba.

A força primitiva menoscaba

A evolução onímoda do Gênio.

Trevas. Canhões. Apaga-se o milênio.

A construção dos séculos desaba.

Ressurge o crânio do morubixaba

Na cultura da bomba de hidrogênio.

Mas, acima do império amargo e exangue

Do homem perdido em pântanos de sangue,

Novo sol banha o pélagos profundo.

É Jesus que, através da tempestade,

Traz ao berço da Nova Humanidade

A consciência cósmica do mundo.

Augusto dos Anjos

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além-Túmulo*. Poesias Mediúnicas. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 133-134.

A Síndrome de Marta

RICHARD SIMONETTI

Lucas, 10: 38-42.

A perto de três quilômetros de Jerusalém, na estrada de Jericó, existe, ainda hoje, a cidade de Betânia, cenário de algumas passagens evangélicas.

Ali, segundo Lucas (24:50), Jesus ter-se-ia despedido dos discípulos, retornando à Espiritualidade, após conviver com eles durante quarenta dias, materializado.

Em suas andanças, sempre que ia a Jerusalém, Jesus visitava, em Betânia, os irmãos Lázaro, Marta e Maria, seus amigos.

Lázaro protagonizaria o famoso episódio da suposta ressurreição, quando Jesus o retirou do túmulo. É o evangelista João quem informa que os irmãos moravam no lugarejo (11:1).

Numa de suas visitas, o Mestre conversava com os discípulos.

Maria conservava-se aos seus pés, ouvindo atentamente, embevecida com sua palavra mansa e envolvente.

A presença de Jesus em sua casa constituía maravilhosa oportunidade de edificação, que sua alma sensível não desejava perder.



Marta, atarefada e nervosa, ia e vinha, no desenvolvimento de rotineiras tarefas domésticas, que podiam ficar para depois, incapaz de aproveitar o glorioso momento.

Imaginemos uma família recebendo a visita de Chico Xavier. Reúnem-se todos ao redor do grande médium, menos a dona da casa.

– Não posso! É dia de faxina...

Era mais ou menos isso que Marta fazia.

Exasperava-se com a irmã. Inaceitável que estivesse a negligenciar as tarefas do lar.

Em dado instante, não se conteve.

Aproximou-se e reclamou, numa atitude indelicada, bem própria de quem fala o que pensa, sem pensar no que fala:

– *Senhor, não te importas que minha irmã me deixe só no serviço? Diz-lhe, pois, que me ajude.*

Podemos imaginar o constrangimento dos presentes, ante aquela manifestação intempestiva.

Mas, exercitando o dom maravilhoso de converter as situações mais delicadas e difíceis em ensejo para transmitir valiosas lições, Jesus fitou compassivo a impertinente hospedeira e respondeu, delicadamente:

– *Marta, Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. No entanto, uma só é necessária... Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada.*



Variados problemas de relacionamento que enfrentamos nascem do excessivo envolvimento com situações transitórias, a exacerbada preocupação com a vida material.

Justo e meritório o cuidado da dona-de-casa com a limpeza e a ordem, no lar. Mas, se ultrapassa os limites do razoável, conturba-se o ambiente.

Ralha com a doméstica, porque não passou aspirador de pó num cantinho da sala...

Discute com o marido, porque não pendurou a toalha de banho...

Irrita-se com os filhos porque seus quartos não estão em ordem...

Fica uma fera quando não lhe atendem às exigências.

Lar impecável – regime de quartel...

Os familiares podem levar na esportiva:

– O sargento está impossível!

Não raro se irritam, turvando o ambiente.



Algo semelhante ocorre com o chefe da casa.

Louvável seu esforço em atender à subsistência da família.

Entretanto, quando avança em demasia, além do razoável, cai na ambição, sentimento que germina com facilidade no coração humano, adubado pelo egoísmo.

Empenhado em seus propósitos, poderá prosperar materialmente, mas com graves prejuízos no relacionamento com as pessoas.

Será o chefe exigente...

O pai sem tempo para os filhos...

O cônjuge distante...

O companheiro difícil, duro de engolir!

Justificará diálogos assim:

– E o marido?

– Viajou.

– E com vocês, tudo em ordem?

– Tudo ótimo.

– Algum problema?

– Nenhum! O problema viajou...



– *Marta, Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas.*

Há uma síndrome de Marta afetando multidões, pessoas excessivamente preocupadas com a subsistência, com a compra de um automóvel, com a construção de uma casa, com o futuro da família, com a limpeza do lar, com os negócios...

Apegam-se a situações efêmeras e bens transitórios.

Perturbam-se facilmente, desgastam-se por nada...

Vivem estressadas, neuróticas, inquietas, irritadas, abrindo campo a desajustes físicos e psíquicos.

– *No entanto, uma só é necessária... Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada!*

Qual a melhor parte da vida?

Para responder é preciso definir o que fazemos na Terra.

Qual a finalidade da jornada humana?

O Espiritismo revela que estamos aqui como alunos num educandário, convocados ao aprendizado das leis divinas. Isso envolve o aprimoramento espiritual, a aquisição de virtudes, o desenvolvimento de nossas potencialidades criadoras.

Escolhem a melhor parte as pessoas que orientam suas ações em direção a esses objetivos, alunos aplicados e diligentes.

Desapegam-se dos interesses do mundo.

Conscientizam-se de seus deveres diante de Deus e do próximo.

Abrem espaço em seu cérebro para os valores espirituais...

Abrem espaço em seu coração para as virtudes cristãs...

Adquirem valores imperecíveis de sabedoria e virtude, que constituirão sua riqueza inalienável, a lhes garantir bem-estar onde estiverem, na Terra ou no Além.



Condição *sine qua non*, indispensável ao cultivo da melhor parte:

Simplificar.

Imperioso que coloquemos acima de tudo a edificação de nossa alma, buscando os valores mais nobres.

Sem esse esforço, estaremos simplesmente perdendo tempo, complicando a jornada e acumulando moedas de ilusão que serão irremediavelmente confiscadas quando a Morte conferir nossa bagagem, na alfândega do Além.

Lá chegaremos a mendigar paz, em amargos desenganos.

Importante ressaltar que a edificação de nosso espírito não só abençoará nosso futuro, como também dará estabilidade ao nosso presente.

Buscando a melhor parte seremos capazes de conviver melhor com as pessoas, em âmbito doméstico, social e profissional...

Buscando a melhor parte saberemos resolver problemas, enfrentar dificuldades, superar obstáculos e atravessar os períodos difíceis, sem irritações, sem inquietude, capazes de fazer sempre o melhor...

Menos para Marta.

Mais para Maria!



Em *O Sermão da Montanha* Jesus já destacara esse tema, recomendando-nos que não nos preocupemos demasiadamente com a nossa vida.

Que busquemos em primeiro lugar o Reino de Deus, a se exprimir no esforço do Bem e da Verdade, e tudo o mais nos será dado por acréscimo.

Ajuda, também, e muito, cultivar alegria.

Se formos capazes de rir um pouco de nossos temores e dúvidas, eles tenderão a dissolver-se, evitando preocupações desajustantes.

A propósito vale lembrar um texto bem-humorado, onde o autor (infelizmente não tenho o seu nome) explica por que não devemos nos preocupar:

Há somente duas coisas com que você deve se preocupar:

Ou terá sucesso ou será malsucedido.

Se tiver sucesso, não terá com que se preocupar.

Se for malsucedido, há somente duas coisas com que se preocupar:

*Ou você manterá a saúde ou ficará doente.
Se mantiver a saúde, não terá com que se preocupar.
Se ficar doente, há somente duas coisas com que se preocupar:
Ou você sarará ou morrerá.
Se sarar, não terá com que se preocupar.
Se morrer, há somente duas coisas com que se preocupar:
Ou você irá para o céu ou irá para o inferno.
Se for para o céu, não terá com que se preocupar.
Se for para o inferno, estará tão ocupado cumprimentando velhos amigos,
que não terá tempo para se preocupar.
Lembre-se:
Preocupar-se é se pré-ocupar com algo que ainda não aconteceu.
Portanto, relaxe! ●*

O Espiritismo à Luz da Crítica

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Há anos, o Dr. Levindo Mello (idealizador, fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro) concluía o seu magnífico prefácio da obra *O Espiritismo à Luz da Crítica*, de autoria de Deolindo Amorim, que então refutava o que se inseria no opúsculo *O Que é Espiritismo*, do padre Álvaro Negromonte, contumaz e assanhadíssimo contestador dos princípios espiritistas.

Às linhas tantas do *Prefácio*, afirma o Dr. Levindo Mello:

“Critizando respeitosamente os ataques do culto gladiador católico, o Sr. Amorim estuda novamente as obras do imortal e glorioso mestre Allan Kardec, a produção medianímica das Irmãs Fox (...); estuda Home e outros grandes médiuns; discute longamente o fenômeno da fraude, aliás tão comum em todos os setores visitados pelo homem; estuda as obras de Allan Kardec, Flammarion, Crookes, Richet, Bozzano, Geley, Gibier, De Rochas, Bezerra de Menezes, Médiun Xavier, e muitos outros médiuns, cientistas, sábios. É um trabalho construtor, vibrante, oxigenado, vitalizador, que honrará sempre seu Autor, e beneficiará sempre seus leitores.”

Destacamos, do livro, o capítulo VI – *Causas Naturais* —, que aborda: Influência do Naturalismo do século XIX na interpretação dos fenômenos espíritas.

Afirma Deolindo Amorim que a hipótese das causas naturais ou forças naturais é muito velha. Já no tempo de Allan Kardec, em França, houve quem pretendesse explicar os fenômenos espíritas pela ação de forças naturais, sem a intervenção de Espíritos. Eis algumas dessas hipóteses: charlatanismo, loucura, alucinação, músculo rangedor, causas físicas, reflexo, alma coletiva, sonambulismo, etc. Houve, entretanto, quem aceitasse a causa extra-humana.

“Muitos observadores – informa Deolindo Amorim – confundiram, erradamente, a *causa instrumental*, que é o médium, com a *causa principal*, que é o espírito. Tendo admitido, portanto, que a causa estava no médium, alguns sistemas chamados naturalistas criaram diversas explicações com o intuito de demonstrar a origem humana ou natural do fenômeno espírita, o que vem incidir, em cheio, sobre a filosofia espiritualista em geral, porque toda ela está apoiada sobre a imortalidade da alma após a morte.” (Grifos no original.)

E acrescenta adiante:

“A pretensa explicação *naturalista* dos fenômenos de além-túmulo representa uma corrente de pensamento e, ao mesmo tempo, uma tendência, que se fez sentir em diversos ramos de conhecimento, desde o século XVIII, com reflexos, ainda, no século XIX. (...) daí, o exagero de pretender explicar todos os fenômenos, fossem quais fossem, por meio de causas naturais, sem a presença de qualquer inteligência invisível.” (Idem.)

O Naturalismo, evidentemente, exerceu profunda influência nos mais diversos ramos do saber do século XIX, de modo especial, na Sociologia, na Psicologia e na História, embora já se notasse a força do evolucionismo spenceriano. Conjugaram-se, destarte, três grandes correntes doutrinárias fundamentadas nas conceituações de Augusto Comte, Darwin e Spencer, e ditaram as linhas mestras do pensamento filosófico e científico da época.

Afirma, então, Deolindo:

“Era inegável a predominância das ciências naturais em determinados cír-

culos, circunstância que favorecia largamente a reação à metafísica; e por isso, era nos fatos biológicos ou nas causas naturais que se procurava a explicação de todos os fenômenos do Universo. O *naturalismo*, como todos os movimentos renovadores, teve os seus exageros, porque levou alguns grupos extremados à negação de tudo o que não estivesse nas leis biológicas.” (Idem.)

Realmente, todos os movimentos renovadores tentam desprezar o que afoitamente imaginam anacrônico, defasado, fora de moda, etc. E aí atacam, com estranha ênfase, valores consolidados, com lutas e sacrifícios, através do tempo, em nome de uma evolução que só existe nas mentes sequiosas de novidades de seus promotores. Como a História misteriosamente se repete na atualidade (finais do século XX), as idéias novas, novíssimas, baseadas nos extraordinários avanços tecnológicos e científicos, tocam nos pontos que constituem o cerne da Doutrina codificada por Allan Kardec. Dir-se-ia que os naturalistas de antanho estão reencarnados em nossos dias, e, atavicamente, pretendem reeditar a sua patológica necessidade de afirmação. A Ciência é a sua Meca, para onde se curvam, subservientes, como os fiéis servidores de Alá, como se a Ciência dos homens sempre possuísse a última palavra, a última e inquestionável palavra.

Vale, nesta oportunidade, passar a palavra ao jornalista e escritor Hermínio C. Miranda que lançou em artigo publicado na *Revista Internacional de Espiritismo*, edição de março de 1990, um verdadeiro alerta sobre o que vem acontecendo no ambiente espírita nacional, onde deslumbrados confrades apresentam, atropeladamente, aparelhos e mais aparelhos através dos quais se *manifestam* Espíritos de cientistas e atrizes, sem quaisquer conotações éticas. Eis, então, o que escreveu o beletrista espírita:

“Não é necessário que ninguém venha dizer-nos que, agora sim, podemos aceitar as realidades da existência e sobrevivência do Ser, da reencarnação, da comunicabilidade entre vivos e mortos, porque a Ciência as confirma.”

A Ciência deve ser tratada com respeito e com atitude de positiva expectativa, mas não como uma instituição à qual tenhamos outorgado procuração com plenos poderes para pensar por nós e decidir se devemos ou não agir em consonância com a realidade espiritual que temos diante de nós, no dia-a-dia das nossas atividades como espíritas.

Embora o Naturalismo e outros *ismos* tentassem denegrir a Doutrina Espírita, desprezando-a do alto de sua empáfia, ela conseguiu, pela lógica de sua simplicidade, superar a todos os obstáculos. Assim também acontecerá na atualidade, quando vem enfrentando novos desafios, sob a égide dos mesmos sentimentos que animaram progressistas do passado.

O *Espiritismo à Luz da Crítica* é um livro que se torna imprescindível na época em que florescem tantas e destruidoras concepções. ●

Cursos na FEB

Sede Seccional do Rio de Janeiro

Esperanto

Terão início na primeira semana do mês de março os seguintes cursos gratuitos de Esperanto:

Elementar: às quartas-feiras, no horário de 15h45 às 17h, a cargo do Dr. Elmir dos Santos Lima;

Aperfeiçoamento: às sextas-feiras, no horário de 17h às 19h, sob a direção do Prof. Arnaldo Ribeiro da Silva;

Estudos Doutrinários em Esperanto: às segundas-feiras, no horário de 15h às 16h30, sob a condução de Affonso Soares.

As inscrições serão acolhidas na Secretaria, na Av. Passos no 30, Centro, durante o horário comercial.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Reiniciarão suas atividades, a partir da primeira semana de fevereiro, nos dias e horários a seguir indicados, as turmas do ESDE em funcionamento na Av. Passos, no 30 : terças-feiras de 17h às 18h30 (coordenação de Regina Lúcia); quartas-feiras de 14h30 às 16h (coordenação de Regina Lúcia); quintas-feiras de 15h às 16h30 (coordenação de Clara Lila); sextas-feiras de 15h às 16h30 (coordenação de Affonso Soares). •

O Espírita na sua Real Expressão

ADÉSIO ALVES MACHADO

O espírita sempre fará o bem: procurará mitigar corações angustiados, acalmar desesperados, operar reformulações morais, auxiliar de todos os modos os necessitados.

A Terra, pelas suas características morais, é planeta onde imperam os queixosos, os que carregam o amargor das desesperações, os cultivadores da violência, os ambiciosos em todos os sentidos, os que amanham os prazeres sexuais...

Há ainda os pessimistas contumazes, espalhando os seus miasmas incessantemente entre todos os que lhes compartilham a vida.

Outros mais persistem em acalantar no íntimo seus males, suas doenças, descrevendo-os com sofreguidão, vinculados que se acham mentalmente a eles.

Viciados procuram entremostrear a própria destinação, como se a ela estivessem irremediavelmente fadados, firmando-se numa condição interior de auto-compaixão, sem empreenderem o mínimo esforço pela sua libertação.

Existem os instabilizados emocionais imprimindo-se uma posição de vítimas do destino, malgrado persistam na posição fixa de irresponsabilidade, como se ignorassem os males que a si mesmos destinam.

O panorama é aparentemente desanimador para o trabalhador do bem, tal o volume de carentes nas mais variadas condições de dor e sofrimento à sua frente, todos aguardando comiseração e socorro, os quais, entretanto, se negam a aceitá-los quando alguém por eles se interessa. Some-se, ainda, a esta avalanche dos mendigos de amor e de paz os que se comprazem em viver assim, hipotéticas vítimas da vida e da Lei Divina, herdeiros, dessarte, de si mesmos, de seu passado, quando estagiaram na preguiça, no ódio, no desejo de vingança, na cata angustiante do poder, do prazer carnal.

Profundamente relevante, ao convivermos com eles, é não nos deixarmos, primeiro, identificar com o morbo que carregam, e, segundo, acautelarmo-nos no sentido de manter em nós um clima de oração, procurando a necessária inspiração sobre o que fazer de melhor para ajudar com acerto.

Imperfeitos como ainda somos, torna-se até natural nos vermos mergulhados nas águas turvas da mistura do verdadeiro amor com sentimentalismo injustificável, servindo-nos do Evangelho, e com Ele nos justificando, como se fosse refúgio de espíritos portadores de caracteres irresponsáveis.

Fora assim e se transformaria a ordem da Vida, em nome de um amor a serviço dos caprichos dos enfraquecidos e apalermados.

Jesus, em momento algum de seu Evangelho, mostrou-se usando de falsa piedade ou estimulando a indolência. Ele, que é o Governador Espiritual da Terra, não poderia ser confundido como se fora um acolhedor de ineptos.

A excelência de Seu dinamismo imperou em todos os Seus movimentos. Suas atitudes foram sempre firmes e Seu caráter em momento algum se mostrou túbio ou ressaltou a apologia da covardia.

Condenado à morte, aceitou-a para que não houvesse a mistura da Sua missão elevada com o desperdício das elevadas questões que viera propor.

Aceitou o julgamento arbitrário, a traição de um amigo, a convivência com a gente tida como de “má vida”, para que assim pudesse exemplificar o valor da Verdade que viera trazer, aproveitando para lecionar vigilância, oração, dignida-

de, além de demonstrar cabalmente que as aparências físicas não refletem as realidades primordiais da existência.

Jesus nunca se mostrou fraco, nada obstante tendo de absorver o vinagre e o fel da ignorância dos homens, sempre pregando a esperança, até a Sua ressurreição em triunfo.

Seu Evangelho é um repositório de força, vitalidade, vida, consolação, pelo fato de caracterizar-se pela exuberância em suas linhas das expressões de meiguice e ao mesmo tempo de estoicismo, numa mistura inconfundível de profundo equilíbrio, em todos os sentidos.

O espírita verdadeiro vai-se mostrando como aquele que luta pela sua transformação moral numa batalha sem quartel, envidando esforços inconfundíveis para vencer as imperfeições que ainda carrega.

O Espiritismo o liberta da ignorância, quando lhe oferta os ensinamentos de Jesus como roteiro de vida ético-moral, quando mostra que ele vive entre irmãos, que devem os seus atos representar a vivência da caridade, quando o induz a ser bom, generoso e compreensivo com todos.

A Doutrina Espírita, desta forma, prescreve dignidade na luta, inspirada nas heróicas ações de Jesus, Ele que é roteiro seguro para a construção de um mundo mais justo e de uma Humanidade mais ditosa. ●

Transplantes de Vida Eterna

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

Através da mídia, temos tomado conhecimento de que, inegavelmente, a Ciência Médica vem dando passos gigantescos no que diz respeito aos transplantes.

O transplante, por exemplo, do coração vem sendo cada vez mais bem executado, demonstrando a todos o quanto pode a Ciência em seus progressos.

Isso nos remete a um passado recente, quando do início dessa maravilha, e lembro-nos do famoso Dr. Christian Barnard, da Cidade do Cabo, África do Sul, cujos habitantes testemunharam, entre maravilhados e orgulhosos, àquela altura, o maior feito da Medicina hodierna, que a habilidade e a competência de um de seus conterrâneos – cientista ainda bem moço – secundado por valorosa equipe, realizara nas instalações do Hospital Groote Schuur.

O assunto transpôs os acanhados limites da pequena e então obscura cidade do continente africano, foi longe, ganhou mundo e hoje o acontecimento não pertence somente ao restrito círculo local, mas passou a ser glória da Ciência planetária, láurea de toda a Humanidade.

Na década de 60, o mesmo brilhante Dr. Barnard, em entrevista ao então Cardeal Jaime de Barros Câmara, do Rio de Janeiro, proferiria as seguintes palavras, segundo registrou o conceituado jornal *O Globo*, de 15-4-68: “Sou um homem profundamente religioso, Eminência, e antes de realizar uma operação que eu considere particularmente difícil, faço uma prece a Deus, para que Ele me auxilie a desempenhar a tarefa com o máximo de minha habilidade. Rogo então a Ele que materialize o que de melhor possa existir em mim, pois sem a ajuda divina eu nada poderia ter realizado em minha carreira.”

Tão formosa quão oportuna declaração, plena de humildade e sabedoria, faz-nos lembrar as palavras do Codificador em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (cap. I, item 8, ed. FEB): “A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência Humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as do mundo moral. *Tendo, no entanto, uma e outra o mesmo princípio: que é Deus*, não podem contradizer-se. Se fossem a negação uma da outra, uma necessariamente estaria em erro e a outra com a verdade, porquanto Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de idéias provém apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.”(Grifo do original.)

Tudo isso nos faz meditar sobre a imensa responsabilidade que pesa nos ombros daqueles que, no Brasil, receberam as Divinas Luzes do Evangelho, através da bendita Doutrina dos Espíritos.

Também houve um glorioso transplante da Árvore do Evangelho das terras judaicas para a Pátria do Cruzeiro. O Brasil ganhou em seu corpo espiritual um novo Coração de Luz e Amor, em delicada operação realizada pelo Divino Médico das Almas – Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Cumpramos agora zelar por esse Coração de Luz, a fim de que não venhamos a comprometer a Divina Operação. Que a Árvore do Evangelho, para aqui transplantada, possa desenvolver-se nesse corpo tão amado, que é o bendito solo brasileiro.

Sejamos nós zelosos guardiães dessa conquista e ajudemos a florescência e frutificação constante dessa Augusta Planta, adubando-a com o nosso suor e nossas lágrimas, para oferecermos ao Senhor da Vinha nossos humildíssimos mas sinceros esforços no sentido de sua preservação, em favor da Pátria que nos abriga e de toda a Humanidade.



Sede da FEB em Brasília

Chegamos ao Terceiro Milênio da Era Cristã com as obras da sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, concluídas, exceto detalhes de acabamento do último prédio, cuja fachada principal dá frente para a Avenida L-2 Norte.

O trabalho começou na década de 1960, com a construção dos prédios da Administração Geral e do Cenáculo, este utilizado para palestras públicas; do prédio denominado Colméia, em que se realizam os trabalhos mediúnicos e de Evangelização da Infância e Juventude; do prédio Unificação, onde se situa a sede do Conselho Federativo Nacional, e está instalada a Biblioteca de Obras Raras; finalmente, do último prédio construído, que, acoplado ao Cenáculo, está sendo utilizado para as atividades da Mecnografia, do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, do Departamento de Assistência Social, da Livraria, da Secretaria, etc.

Um ponto que queremos registrar é a boa vontade com que os espíritas, de modo geral, têm participado desse esforço que a FEB vem realizando, há cerca de quarenta anos, para a construção de sua sede em Brasília. Convidados a colaborar, milhares de companheiros de ideal deram a sua contribuição, dentro das possibilidades de cada um, de forma constante e anônima, marcada pelo espírito de solidariedade e pelo amor à difusão da Doutrina Espírita. São contribuições muitas vezes de pequeno valor monetário, mas caracterizadas pelo sincero propósito de servir, e até mesmo pelo espírito de sacrifício, o que nos faz lembrar a lição do Evangelho sobre o Óbulo da Viúva. São, também, cartas, algumas escritas com extrema simplicidade, estimulando e apoiando a manutenção desse trabalho, que visa à edificação das bases materiais de uma tarefa que tem por meta promover o estudo, a difusão e a prática do Espiritismo.

A todos esses irmãos que, solidária e anonimamente, contribuíram para a construção da sede da Federação Espírita Brasileira e cooperam com as tarefas por ela desenvolvidas, registramos nosso sincero agradecimento, pelo gesto autenticamente espírita-cristão. ●

Esflorando o Evangelho – Emmanuel

O Arado

“E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus.”

– (Lucas, 9:62.)

Aqui, vemos Jesus utilizar na edificação do Reino Divino um dos mais belos símbolos.

Efetivamente, se desejasse, o Mestre criaria outras imagens. Poderia reportar-se às leis do mundo, aos deveres sociais, aos textos da profecia, mas prefere fixar o ensinamento em bases mais simples.

O arado é aparelho de todos os tempos. É pesado, demanda esforço de colaboração entre o homem e a máquina, provoca suor e cuidado e, sobretudo, fere a terra para que produza. Constrói o berço das sementeiras e, à sua passagem, o terreno cede para que a chuva, o sol e os adubos sejam convenientemente aproveitados.

É necessário, pois, que o discípulo sincero tome lições com o Divino Cultivador, abraçando-se ao arado da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos graves à “terra de si mesmo”.

Meditemos nas oportunidades perdidas, nas chuvas de misericórdia que caíram sobre nós e que se foram sem qualquer aproveitamento para nosso espírito, no sol de amor que nos vem vivificando há muitos milênios, nos adubos preciosos que temos recusado, por preferirmos a ociosidade e a indiferença.

Examinemos tudo isto e reflitamos no símbolo de Jesus.

Um arado promete serviço, disciplina, aflição e cansaço; no entanto, não se deve esquecer que, depois dele, chegam sementeiras e colheitas, pães no prato e celeiros guarneceados.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. Pão Nosso. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, cap. 3, p. 17-18.

Pena de Morte: Retrocesso Moral e Cultural

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

1. O grande penalista espanhol Eugênio Cuello Calón escreveu, no princípio deste século, que nenhuma sanção penal tem sido mais ardentemente combatida, e, por outro lado, defendida com tão grande convicção, nem mais universalmente aplicada, do que a pena de morte. Já foi adotada por todos os países, sem exceção, e, em muitos, permanece vigente até hoje, como é o caso, sempre citado, dos Estados Unidos.

Essa situação tão conflitante e contraditória tem como causa principal o atraso moral em que o homem ainda se acha, o que implica, entre outras coisas, uma visão muito imediatista do problema fundamental do Direito Penal, que se apresenta sob um tríplice aspecto: o crime, o criminoso e a pena.

A questão, na verdade, gira sempre em torno do criminoso, porquanto o crime, como fato humano contrário ao direito, não existe sem o seu autor, e a pena, conquanto conseqüência daquele, tem como destinatário específico o agente da infração penal, ou seja, o criminoso.

As soluções encontradas ou propostas para enfrentar o problema desconhecem ou omitem o binômio espírito-matéria de que se compõe o ser humano e, por via de conseqüência, o delinqüente. Não se cogita aqui do fato de ele ser um Espírito reencarnado, que traz consigo uma experiência do seu passado que se reflete no seu presente e que irá, fatalmente, projetar-se em seu futuro, em novas reencarnações. O que se alega é o desconhecimento ou a omissão da própria realidade espiritual do homem, mesmo no seu aspecto mais tradicional e comum, que convive com a idéia de um corpo animado por uma alma ou espírito, numa única e exclusiva existência.

Em face disso, os problemas sociais de todas as espécies, graves ou não, são tratados e equacionados de uma forma muito simplista. Leva-se em consideração apenas o aspecto aparente, sensível ou material do homem e da sociedade. O primeiro, como “animal político ou cívico, *zoon politikon*, mais social que as abelhas ou outros animais que vivem juntos” (Aristóteles); a segunda, como mera conseqüência dessa condição, de natureza predominante biológica e determinada pela conjugação de duas leis naturais: a lei de conservação e a de reprodução.

2. A tendência para tudo simplificar, inclusive os fatos históricos, faz parte da própria natureza humana. O homem, diante da dificuldade com que se defronta para entender sua própria realidade, tem feito coincidir a compreensão com a simplificação. Essa operação, embora quase sempre implique distorções do mundo real, parece, no entanto, ser de seu total agrado, permitindo-lhe mascarar a verdade incômoda e rude em que se encontra inserido.

É o que se observa, por exemplo, no escritor materialista italiano Primo Levi, conhecido pelas obras em que relata sua experiência como sobrevivente de Auschwitz. Ele tenta encontrar, no fenômeno, uma explicação para o sempre aterrorizante problema do holocausto, ao afirmar que “sem uma profunda simplificação, o mundo ao nosso redor seria um emaranhado infinito e indefinido, que desafiaria nossa capacidade de nos orientar e decidir nossas ações” (*Os Afogados e os Sobreviventes*, tradução de Luiz Sérgio Henriques, Ed. Paz e Terra, Rio, 1990, p. 17).

A simplificação se mostra muito evidente no eterno dualismo – o bem e o mal – cujas conseqüências, sobretudo no âmbito religioso, são mais negativas que positivas. Fiel a essa diretriz, a sociedade simplificou eficientemente os seus integrantes, dividindo-os em duas categorias. De um lado, o grupo que, pelo menos aparentemente, cumpre a lei. São os bons, os cidadãos de bem. De outro, os violadores das normas sociais, os maus elementos, os marginais da linguagem policial. Disso resulta uma inevitável divisão social, que remonta às mais antigas origens da Humanidade: o mundo ou campo do “nós” e o mundo ou campo “deles”. Esse esquema implica a bipartição amigo-inimigo, que prevalece sobre todos os demais.

Assim tem sido, ao longo dos séculos, a postura da sociedade diante do criminoso. De um lado, “nós”, os seus amigos, em constante e acirrada luta contra “eles”, os seus inimigos. “Nós”, os que não foram alcançados pelos braços da lei, não obstante a tenham infringido um sem-número de vezes. Eles, os que se viram colhidos em seus tentáculos apertados e inflexíveis, muito embora a sua conduta, na maioria dos casos, tenha sido de mínima relevância jurídico-penal. Na realidade, o contingente de criminosos, entendidos aqui como todos aqueles que já violaram a lei penal, é muito grande. Tecnicamente, não são criminosos, uma vez que sequer foram processados e condenados por uma sentença com trânsito em julgado. Todavia, do ponto de vista ético e considerada a conduta de cada um para o mero efeito de tipificação da ação praticada, é incontestável a ocorrência do crime. Talvez tenha sido por isso que o Chico Xavier, certa feita, inquirido a respeito, respondeu: “criminoso é cada um de nós que foi descoberto”!

3. A pena de morte é uma solução simplista ou simplificada, para um problema complexo e dotado de enormes dimensões. No curso da história, ela sempre foi, na maioria das vezes, a pena destinada a quase todos os crimes. Era geralmente precedida de tormentos e mutilações e a sua execução, sempre pública, caracterizava-se pela barbaridade e crueldades dos modos e meios empregados. Via de regra, os condenados se viam sujeitos ao esquartejamento, à roda, à imersão em água, fria ou fervente, à fogueira, ao garrote, ao esmagamento, à decapitação, à crucificação, ao empalamento, à delapidação, etc.

Na Idade Média, com o aparecimento da Inquisição, a situação atingiu o seu ponto máximo e extrapolou todos os limites do bom senso e da razão humanos. Somente um fato na história pode concorrer ou mesmo superar as atrocidades cometidas pela lúgubre instituição: o morticínio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Nesse particular, Espanha e Alemanha se notabilizaram tristemente. Uma, fanatizada pela religião e pelo interesse político; a outra, pelo ideal utópico e desvairado de uma raça pura e superior. Uma matava em nome de Deus. A outra, em nome do *Reich*. E, por coincidência, ambas tinham os judeus como alvo principal de sua condenável ação!

No Brasil, desde o seu descobrimento até 29 de setembro de 1890, a pena de morte fez parte de nosso direito positivo. Naquela data, o Decreto 774 a excluiu em definitivo da legislação penal brasileira. Hoje, ela somente existe para os casos de guerra declarada, nos termos do artigo 5º, XLVI, letra a, da Constituição Federal. Enquanto vigente, foi responsável por um clamoroso erro judiciário, de que foi vítima o fazendeiro Manuel Mota Coqueiro, acusado indevidamente da morte de um colono e de sua família. Desde 1855, D. Pedro II, em face da grande comoção popular causada pela injusta execução de Mota Coqueiro, passou a comutá-la, sistematicamente, na pena de galés e ela não foi mais aplicada, embora continuasse a vigorar no Código Criminal do Império.

4. Os indesejáveis índices de criminalidade observados no País fizeram com que se fortalecesse a idéia de seu restabelecimento. Os principais argu-

mentos utilizados para esse fim são os seguintes: 1) a pena de morte é a única realmente eliminadora, porquanto a pena privativa de liberdade não livra a sociedade do criminoso, que a ela poderá retornar, portando o mesmo ou até maior grau de periculosidade; 2) é, economicamente, a mais vantajosa, por eliminar ou diminuir as despesas com o encarceramento dos delinqüentes; 3) representa o melhor meio de se expurgar da sociedade os desajustados, os inadaptáveis às suas normas e os autores dos crimes hediondos; 4) é a que detém o mais poderoso caráter intimidativo, quer social, quer individual, principalmente quando as execuções são públicas.

Esses argumentos esbarram, no entanto, em um óbice de difícil transposição: a realidade dos países que ainda a adotam, como no caso sempre lembrado dos Estados Unidos. Recentemente, o FBI tornou pública a pesquisa que realizou a respeito dos índices de homicídios nos diversos Estados americanos e as conclusões não apóiam a tese dos que defendem a pena de morte como fator de repressão ou de intimidação. Aquele órgão destacou que, nos últimos vinte anos, nas unidades federativas que a adotam, a taxa de homicídios é 48% a 101% maior do que a dos Estados sem ela. O resultado a que chegaram os técnicos do FBI é que a pena de morte parece ter contribuído para aumentar a violência, ao contrário de debelá-la ou diminuí-la. Convém esclarecer que, nos Estados Unidos, não existe direito escrito ou elaborado como no Brasil, porquanto lá se adota o chamado direito consuetudinário, o *common law*, de origem e tradição britânica, que não é, também, unificado. Cada Estado tem o seu direito, calcado basicamente nos usos e tradições jurídicos, razão por que a pena de morte não é aplicada em todo o seu território.

Esses dados são apenas de ordem prática. Acham-se muito mais direcionados ao “aqui-agora”, e não assumem ou admitem qualquer compromisso com implicações que se relacionem com o criminoso na sua condição de um Espírito dotado de um corpo e destinado a um fim superior. Aos olhos da tese reencarnacionista, que os corifeus da pena máxima desconhecem ou desprezam, não importa que esse ser destinado à perfeição (Mateus, 5:48) seja, numa determinada etapa de sua vida, um delinqüente malvisto pela sociedade. Outras oportunidades lhe serão dadas e, como Espírito imortal, progredirá para aquele fim, ainda que isso implique sofrimentos, dores, lutas e dificuldades inenarráveis.

5. A pena capital, além de pressupor a acolhida da concepção unitária da vida, não leva em conta a sobrevivência do Espírito após a morte, principalmente em face da idéia de que ela é a única sanção penal que enseja a efetiva eliminação dos socialmente desajustados ou inadequados. Só isso já seria bastante e suficiente para afastá-la em definitivo das cogitações dos espíritas, embora seja certo que ela jamais deveria encontrar qualquer eco no coração dos que se dizem cristãos. A morte do corpo do criminoso não implicará a morte de seu espírito, cuja atuação, no meio material, prosseguirá inevitavelmente, em virtude da profunda interação entre os dois planos de vida. Os Espíritos foram muito claros ao informar que a maioria das ações dos encarnados são motivadas e conduzidas por eles, Espíritos, nos expressos termos da questão 459 de *O Livro dos Espíritos*.

A literatura espírita, principalmente aquela de responsabilidade de André Luiz, está repleta de notícias a respeito da existência, no plano espiritual inferior, de incontáveis colônias de criminosos. Tais agrupamentos se mantêm em constante sintonia com a Terra e com os homens que lhes são afins. O criminoso, liberado do corpo carnal, consciente ou não de seu novo estado, gozará de muito mais liberdade de ação para organizar, comandar e cometer, através da mediunidade invigilante dos companheiros encarnados, toda sorte de ilícitos penais. Mesmo os delitos inexplicáveis, praticados por indivíduos portadores de conduta

social aparentemente normal, podem, em muitos casos, ser a conseqüência da atuação do Espírito de um antigo criminoso ou desafeto sobre o seu autor. Este, uma vez condenado e executado pela Justiça, irá se reunir a Espíritos que passaram pela mesma experiência e que se encontram na mesma faixa vibratória. A não ser que se verifique um acontecimento extraordinário na sua jornada evolutiva, é natural e compreensível que se sinta, assim como os demais, injustiçado pela sociedade, passando a alimentar um forte desejo de vingança contra ela. Fatalmente, será mais um a engrossar o elenco dos *criminosos do Além*. Formase, assim, um autêntico e crescente círculo vicioso, cuja conseqüência inevitável será a prática de novos crimes.

Vista a questão sob este ângulo, é iniludível que a criminalidade, ao invés de encontrar, na pena capital, um remédio eficaz contra a sua disseminação, terá nela um considerável aliado para o aumento de seus índices.

6. Mesmo na atual conjuntura social, em que a repressão ocupa um lugar prioritário em relação à prevenção, não se pode olvidar a necessidade da recuperação do delinqüente, a fim de propiciar-lhe um retorno à sociedade e uma convivência social dotada de um mínimo de decência compatível com a dignidade humana. A reconhecida falência do sistema prisional em todo o mundo não justifica a oficialização da violência a pretexto de se combater a violência. Mister se faz, antes que se enfrente e ataque com seriedade os conhecidos fatores crimino-impelentes, que se opere, como solução de curto prazo, uma total reformulação dos métodos e meios utilizados no tratamento dos condenados às penas privativas de liberdade, atendendo-se ao fato, tantas vezes confirmado, de que “não há criminoso irrecuperável, mas irrecuperado”. E, mais uma vez, a educação se revela como o grande instrumento de recuperação do ser humano (a reforma íntima preconizada pelo Espiritismo), porquanto, em instante algum é lícito esquecer-se de que o criminoso, por pior que se apresente aos olhos da sociedade, é, antes de tudo, um ser humano! Como tal, é também um Espírito reencarnado, criado simples e ignorante, empenhado num processo doloroso e difícil de crescimento e evolução. Aqueles que atingiram um grau de maior evolução não podem e não devem negar aos que ainda se arrastam na lama da criminalidade a ajuda indispensável à consecução desse objetivo, ainda que estes não tenham, de momento, a consciência exata do papel que lhes compete desempenhar. Embora vendo a questão sob um ângulo diferente, porquanto movido pelos ideais políticos de liberdade e de igualdade, Montesquieu afirmou que “nos regimes livres, ao contrário do que ocorre nos regimes despóticos, educar vale mais do que punir e as sanções penais devem ser moderadas”.

A pena de morte inviabiliza, portanto, todo e qualquer esforço que se pretenda desenvolver no sentido da valorização do homem, tendo em vista a sua destinação superior. Significa, em virtude disso, um lamentável retorno aos períodos mais atrasados da civilização, razão por que os Espíritos a consideram uma verdadeira demonstração de barbárie e de involução moral e concluem que “a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade”. (Questão 760 de *O Livro dos Espíritos*.) •

Campanha Em Defesa da Vida

Atenção

Aos Centros Espíritas que não receberam os cinco cartazes da Campanha *Em defesa da Vida*, por extravio nos Correios, solicitamos escrever-nos pedindo nova remessa. ●

A FEB e o Esperanto

Esperanto: Mais do que uma Língua...

AFFONSO SOARES

Em 1987, o então Presidente da Casa de Ismael, Francisco Thiesen, determinava a participação efetiva da Federação nos festejos do Jubileu Centenário do Esperanto que se realizariam em Varsóvia, capital da Polônia, pátria que deu berço ao gênio criador da Língua Internacional Neutra, Lázaro Luís Zamenhof. As comemorações formaram o ponto alto do 72º Congresso Universal de Esperanto, com número recorde de participantes e países representados.

O saudoso presidente dava ensejo não somente a que o mundo esperantista visse confirmado o entusiasmo dos espíritas pela nobre causa do Esperanto, mas também a que nossa alma pudesse comprovar concretamente as excelências insuperáveis da Língua Internacional Neutra como instrumento de comunicação e de aproximação dos membros da família humana num terreno neutro em que devessem vigorar o respeito, a tolerância, o apreço pelas acessórias diferenças de língua, raça, religião e convicção política de cada um.

Vêm-nos sempre à memória, ao evocarmos o evento, episódios marcantes que nos sustentam a certeza de que ao Esperanto está destinada a função de instrumento para a comunicação internacional dos povos. Mencionemos apenas dois: formávamos, com congressistas de diversos países da Ásia (Coréia, Japão, China, entre outros) uma animada roda de conversação, em que os assuntos fluíam sem quaisquer óbices, esforçando-se todos por praticar a fraternidade, pairando acima de nossas eventuais diferenças; o segundo episódio foi o ar de estupefação dos representantes da Unesco ao constatarem a absoluta ausência de intérpretes, tradutores, máquinas de tradução e aparatos semelhantes em todas as atividades do congresso. E todos, absolutamente todos, participavam, desde o mais humilde ao mais eminente dos congressistas, pouco importando se as nações a que pertenciam eram fracas ou poderosas, sob qualquer ponto de vista, o que a nenhum conferia qualquer vantagem, a nenhum constrangia ou humilhava, antes facilitava o pleno entendimento, a estreita aproximação.

E o leitor já se estará perguntando a razão desse nosso surto de saudosismo. É porque, relendo textos de Zamenhof, mergulhamos no conteúdo do discurso com que ele, em 1905 na cidade francesa de Boulogne-sur-Mer, abria os trabalhos do 1º Congresso Universal de Esperanto.

Um trecho dessa alocução, assaz marcante, evocou nossa passagem por Varsóvia, identificando o belíssimo evento ali festejado com o sonho de Zamenhof que a Humanidade verá concretizar-se quando nosso planeta ingressar na feliz Era da Regeneração anunciada pelos Espíritos Superiores.

Eis o trecho, em tradução, com que finalizamos este despretenso artigo:

E agora, pela primeira vez, começa a realizar-se o sonho milenar. Numa pequena cidade da costa francesa, reuniram-se pessoas das mais diferentes regiões e países que, em seus contatos, não permanecem mudas nem surdas, mas compreendem-se, falam umas às outras como irmãos, como membros de uma única nação.

São freqüentes os encontros de pessoas de países diferentes e neles há entendimento recíproco; mas que enorme diferença entre o seu entendimento e o nosso!

Em tais encontros consegue entender-se apenas um número bastante reduzido de participantes que tiveram a possibilidade de dedicar enorme quantidade de tempo e dinheiro para aprender línguas estrangeiras – todos os demais participam apenas pela presença, nunca pelo cérebro. Mas, entre nós, todos os participantes se entendem, somos compreendidos facilmente por qualquer um que apenas queira entender-nos, e nem o dinheiro, nem a carência de tempo torna quem quer que seja surdo às nossas palavras.

Nos outros encontros, o entendimento recíproco só é alcançado por vias inadequadas, agressivas, injustas, uma vez que o membro de uma nação se humilha diante do membro de outra, cuja língua deve usar para vergonha da sua, gagueja, ruboriza-se e se sente constrangido ante o interlocutor, enquanto este se sente forte e altivo.

Em nosso encontro não há nações fortes e fracas, privilegiadas e desfavorecidas. Ninguém se sente humilhado ou constrangido. Todos nos colocamos num terreno neutro, desfrutando plenamente dos mesmos direitos. Sentimo-nos como membros de uma única nação, de uma única família, e, pela primeira vez na História, nós, os membros dos mais diferentes povos, nos ombreamos não como estrangeiros ou concorrentes, mas como irmãos que, sem se imporem uns aos outros a própria língua, compreendem-se, não alimentam suspeitas recíprocas nascidas de trevosas divisões, amam-se entre si e se apertam as mãos, não hipocritamente, como estranhos entre si, mas sinceramente como membros da família humana. ●

O Bom Senso de Kardec

J. MARTINS PERALVA

“Ele, porém, era o que denominarei simplesmente o bom senso encarnado”, definição que identifica o pensador, culto e sério, que marcou presença na Terra, a exemplo de outros eminentes vultos que a Humanidade reverencia, com justiça, pela cultura e bondade. Como: Swedenborg, vidente sueco; cardeal Mezzofante, que discursava em 50 ou 70 idiomas; Rui Barbosa, a Águia de Haia; Agostinho, o gênio africano; Bezerra de Menezes, Francisco de Assis e Vicente de Paulo, apóstolos da caridade.

“O bom senso encarnado” – Hippolyte Léon Denizard Rivail, Allan Kardec – considerado benfeitor da Humanidade por F. Acquarone, encontra a síntese de sua personalidade no fulgurante verbo do famoso astrônomo Camille Flammarion, habituado a contemplar sóis e estrelas, símbolos expressivos dos “olhos de Deus”, da onisciência divina.

A intimidade, o manuseio do acervo bibliográfico espírita oferecem um monte de conceitos que identificam o missionário, cujas abordagens representam dons divinos, onde “não chega o ladrão nem a traça consome” – Lucas, 12:33. O Espiritismo evidencia, à luz do próprio contexto doutrinário, sentido de progressividade.

A assertiva: “Do Espiritismo se disse a primeira palavra mas nunca se dirá a última”, caracteriza-o por essencialmente evolutivo. Por mais que avance a Ciência, floresçam as árvores da Filosofia, expanda-se a Religião, iluminando santuários e templos, a Doutrina, por sua feição evangélica, cristã, será, sempre, sublime aragem acariciando a vida.

A pluralidade dos mundos habitados, enfocada em “O Livro dos Espíritos”, ainda suscita, em nossos dias, dúvidas e negações, respeitáveis em face do direito de o homem expressar seu pensamento. O Espiritismo, contudo, aceita-a, desde 1857, quando Allan Kardec publica, em Paris, a obra básica da Codificação Espírita.

Quando o cognominado “o bom senso encarnado” indaga: “São habitados todos os globos que se movem no espaço?”, obtém resposta conclusiva: “Sim e o homem terreno está longe de ser o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição”, excluindo, assim, eventuais idéias discriminatórias.

No tocante à máxima “Fora da caridade não há salvação”, ela evidencia a excelência de Deus, que ama e perdoa todos os filhos, tendo ressonância na famosa parábola do Filho Pródigo (Lucas, 15:11-32). O bom senso de Kardec alia-se a outros nobres atributos de sua alma, séria e bem formada.

Quando surgiram os fenômenos de efeitos físicos, entre eles, os das mesas girantes, o Sr. Fortier, magnetizador, relatou-os a Allan Kardec, tendo o seu entusiasmo contido pela serenidade do futuro Codificador: “Se me provarem que a mesa tem cérebro para pensar e nervos para sentir, eu acreditarei. Até lá, verei nisto, apenas, contos para dormir.” Kardec estudou, sob rigor científico, os fenômenos, e a Doutrina Espírita nasceu, na França, em 1857. ●

Fonte: *O Espírita Mineiro* de set./out.-1998.

A Missão Maior do Movimento Espírita

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

O senhor Adelino é espírita de berço. Quando criança, freqüentou a Doutrina aos domingos – a Escola de Evangelização, como se prefere chamar atualmente. Ao atingir a adolescência, engajou-se na Juventude Espírita, onde passou a desenvolver diversas atividades assistenciais e administrativas, além, naturalmente, de participar com assiduidade das reuniões doutrinárias.

Quando completou dezoito anos, já havia lido todas as obras básicas da Codificação e também muitas das denominadas obras complementares da Doutrina, mediúnicas ou não. Eram-lhe familiares autores como Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Delanne e Cesare Lombroso. Tinha sempre, como livros de cabeceira, obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco e Yvonne A. Pereira, conhecendo suficientemente, portanto, as idéias e os pensamentos de autores espirituais, como Emmanuel, André Luiz e Joanna de Ângelis.

Essa bagagem literária era-lhe útil nas discussões e debates que ocorriam nas reuniões da Juventude.

Mais tarde, passou a integrar grupo mediúnico destinado a trabalhos de desobessão, na qualidade de membro assíduo. Todas as quintas-feiras, às 20 horas, estava ele lá presente. Às terças-feiras, ministrava passes aos freqüentadores das palestras, que assim o desejassem. A convite, integrou chapa concorrente à diretoria da Casa, a qual saiu vencedora, assumindo o cargo de diretor administrativo.

O senhor Adelino é um bom espírita, não há por que negar. E também é altamente conceituado na instituição, não só por seus predicados de ordem intelectual e moral, mas também por ser elemento-chave em todo o processo destinado a angariar fundos indispensáveis à manutenção das atividades.

O senhor Adelino é um bom espírita, se encararmos a questão sob a óptica institucional.

Contudo, se todos os espíritas fossem como o senhor Adelino, o Movimento Espírita não atingiria o seu objetivo primordial. Por quê? poderia perguntar o leitor, estranhando a colocação. Para responder, temos que primeiramente verificar quais são os objetivos da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec.

Dois são os objetivos principais:

1) Resgatar o Cristianismo, ou seja, a doutrina de Jesus, em sua pureza original.

2) Complementar as informações trazidas à Humanidade pelo Cristo, já que Ele não podia dizer tudo, em face do grau de receptividade e entendimento do povo, na época. Eis por que Ele se utilizou freqüentemente de linguagem figurada e de parábolas.

O primeiro objetivo deveria ser atingido, peneirando e filtrando os cânones e a teologia católico-cristãs, para daí retirar a essência do pensamento de Jesus.

Durante os dois mil anos que se seguiram à morte do Mestre e ao Cristia-

nismo Primitivo, a Igreja procedeu, através de sínodos e concílios, a acréscimos de tal magnitude, que acabaram por desfigurar a doutrina original. Ela incorporou ritos, símbolos e idéias provindos do paganismo romano, do Zoroastrismo e principalmente do Mitraísmo.¹

Renan² afirma que, se por qualquer motivo o Cristianismo não tivesse sobrevivido, o Mundo Ocidental seria mitraísta, tal a influência que o Mitraísmo exerceu no Império Romano.

É perfeitamente possível na atualidade ser cristão, sem seguir necessariamente as pegadas do Mestre, ou seja, compreender e procurar pôr em prática a Sua doutrina de amor e de misericórdia.

O segundo objetivo do Espiritismo é levar o conhecimento à Humanidade das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo material.

O Espiritismo é a concretização da promessa de Jesus feita aos apóstolos, por ocasião da última ceia, quando então Ele lhes disse:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei ao Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: O Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito.” (João, 14:15-17 e 26.)

O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus, sendo que a sua doutrina é o resultado da Codificação de conhecimentos procedida por Allan Kardec, a partir de 1857, com a publicação, na França, de *O Livro dos Espíritos*.

Cabe ao Movimento Espírita, antes de tudo, divulgar os postulados da Doutrina e reafirmar o pensamento original de Jesus, embasado agora em conhecimentos que, há dois mil anos, eram impossíveis de ser propalados, tendo em vista que o terreno não era propício e o plantio seria prematuro.

Os espíritas não devem permanecer reclusos nos Centros Espíritas, transformando-os em templos ou igrejas. Há o risco de institucionalizar o Movimento e transformar o Espiritismo em mais uma religião, com todas as conseqüências que a história das religiões nos tem mostrado.

Os novos conhecimentos que o Espiritismo traz devem ser divulgados no seio das massas, nas instituições religiosas, nas universidades, nas associações civis. E essa divulgação deverá ser feita por todos os meios disponíveis: jornais, revistas, rádio, televisão, palestras públicas, panfletos, conversas reservadas.

É preciso ter presente, contudo, que divulgar não é fazer proselitismo ostensivo, destituído de bom senso e de critério. É propalar a mensagem de maneira singela e despretensiosa, sem os ranços do intelectualismo vaidoso e sem farisaísmo fora de moda.

Para finalizar, voltamos a insistir que o Espiritismo não se deve institucionalizar, transformando-se em mais uma religião. Os conhecimentos e as verdades que ele trouxe ao Mundo devem penetrar e permear os cânones e os princípios filosófico-

teológicos das diferentes religiões. O Espiritismo deve ser fator de transformação e o que realmente importa é que os princípios básicos da Doutrina sejam incorporados um dia às diferentes religiões, mesmo que ele, como entidade definida, venha a desaparecer. Nesse dia, a Doutrina dos Espíritos terá cumprido o seu papel.

Referências Bibliográficas:

1 Mitraísmo: Culto de Mitra, divindade solar persa, um dos gênios do Masdeísmo. (Michaelis)

2 RENAN, Ernest – Marco Aurélio e o fim do mundo antigo.

Lello & Irmão-Editores, Porto, 2. ed., 1964.

Cinqüentenário da Federação Espírita Piauiense

Para comemorar os 50 anos de sua fundação, a Federação Espírita Piauiense realizou extensa programação, que se estendeu de fevereiro a dezembro de 2000, compreendendo: **IV Encontro de Trabalhadores do ESDE**, de 4 a 6 de fevereiro, com a participação de Cecília Rocha e José Carlos da Silva Silveira, respectivamente Vice-Presidente e Diretor da FEB; **Encontro com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas** – Divaldo Pereira Franco, em 6 de março; **VIII Semana da Família** – de 2 a 4 de junho, com César Soares dos Reis (RJ) e Ruth Brasil (BA); **Palestras Públicas** – Divaldo Pereira Franco, em 4 de março; de julho a outubro – Palestras de José Raul Teixeira (RJ), Jason de Camargo (RS), Lauro Mendonça (RJ), Ariston Santana Teles (DF), Núbor Facure (SP), José Medrado (BA) e Sibelius; **Seminário da Promoção Social Espírita** – com José Carlos da Silva Silveira (FEB/DF), Edvaldo Roberto de Oliveira (RJ) e Moab José (MA); **Aniversário da FEPI**: Reunião pública, em 25 de novembro, com a presença da FEB, representada pelo Vice-Presidente Altivo Ferreira, que fez a palestra comemorativa e um Seminário para Dirigentes e Trabalhadores Espíritas; **XIV Feira do Livro Espírita** – de 13 a 23 de dezembro. ●

Deus e o Primeiro Mandamento

ALBUCACYS MAURÍCIO DE PAULA FILHO

Os Evangelhos, assim como a Doutrina Espírita, a cada vez que os estudamos, parecem fazer brotar de nós novos questionamentos, novos posicionamentos, novas visões, que por vezes, admiramo-nos de tê-los.

Assim o primeiro Mandamento, já tão bem conhecido de todos, parece não haver nada mais o que se falar sobre ele. Por isso, muito provavelmente, os comentários que se seguirão talvez já tenham sido frutos de cerebrações e discussões nos diversos meios religiosos e teológicos.

Para os que ainda não pensaram sobre o assunto, ou gostam de sempre ler, sob outra forma, o mesmo ponto de vista, expressamos então, nossos comentários.

Para partirmos do mesmo ponto, iniciemos transcrevendo o 1º Mandamento: “*Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. – Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima no céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.*”

De forma geral, o que se entende deste Mandamento, a *priori*, é que Deus, na sua infinita misericórdia, comunica-se com Moisés, ordenando-lhe que não tenha outros deuses; que não cultive imagens, que, na época, era tão popular.

Aceita-se isso. Para muitos é ponto final.

Essa interpretação, salvo melhor juízo, é o espírito da letra.

Com os ensinamentos trazidos pelos Espíritos, e algumas reflexões, podemos fazer considerações, no mínimo, diferentes.

Vejamos.

“Eu sou o Senhor vosso Deus...”

Esta frase é característica das manifestações de Deus a todos os seus escolhidos. Constatamos isso em todo o Velho Testamento. Encontramos, também, a expressão “Senhor dos Exércitos”, entre outras.

Sabemos, com os ensinamentos espíritas, que Deus se comunica conosco através de seus emissários, e que somente a Espíritos puros Deus transmite diretamente suas ordens.

Logo, quem falou a Moisés não foi o nosso Deus, único, mas um Espírito que pudesse falar, na Terra, em seu nome. Perguntamos então, quem é esse Espírito?

Para falar aos homens em nome de Deus, só Jesus.

Assim, Moisés e outros Espíritos missionários, que antecederam a vinda de Jesus e anteciparam alguns dos seus ensinamentos, foram por Ele enviados a fim de prepararem o terreno para a sementeira do seu Evangelho.

Em confirmação a essa tese, lembramos-nos do Evangelho de João (1:1-4). “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.”

Emmanuel corrobora no livro *A Caminho da Luz*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, com a idéia de que Jesus é o verbo do princípio.

Obviamente, Jesus não é Deus, mas toda a harmonia do Planeta repousa em suas mãos, como nos diz Emmanuel, no livro citado.

“Não tereis diante de mim outros deuses estrangeiros.”

Alguns estudiosos, mais argutos, perguntam: Então podemos ter outros deuses nacionais? Ao indagar-se da resposta, saem pela tangente.

Em verdade, compreendemos que só há um único Senhor.

“Diante de mim” quer dizer: aquele que crê, verdadeiramente, em Deus, não consegue ter outros deuses.

A palavra estrangeiro vem reforçando que Deus está aqui, dentro de cada um de nós, e não fora ou distante.

“Não fareis imagens esculpidas, nem figura alguma do que está em cima no céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra.”

É reforçada a proibição das imagens e dos cultos aos diversos deuses da época. Interessante notar que a primeira palavra Terra vem com maiúscula, significando o planeta. Assim, nada de imagem das coisas dos espaços, nem das da terra.

Hoje, com o crescimento das crenças esotéricas, vemos diversas pessoas cultivando “energias e símbolos diversos”, para eles, cheios de significados.

“Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.”

Adorar só a Deus, isto é inegável, embora alguns não compreendam bem o significado dessa palavra. Menos ainda conseguem adorar, de fato, alguma coisa.

Cultuar, porém, muitos, quase todos, talvez todos, desde o mais ignorante ao mais esclarecido, conseguem cultuar alguma coisa. (Para a compreensão do que falamos, deve-se ter em mente o significado da palavra culto.) E é por isso que, no Mandamento, é proibido o culto soberano. Deus deve estar acima de tudo, e nada justifica a sua queda do primeiro lugar. Precisamos dar a cada coisa o seu valor real. A Deus cabe a sabedoria, a ninguém mais. Então, quando indagamos se podemos prestar culto a alguma coisa, de acordo com os Mandamentos, a resposta é sim, mas que não seja soberano, diriam alguns estudiosos.

A Doutrina Espírita, porém, vem esclarecer-nos que não é necessário qualquer tipo de culto. Por isso, não há nela rituais, cultos, hierarquia sacerdotal, liturgias, paramentos, dogmas, etc.

Por essa breve e superficial análise podemos chegar à conclusão da importância do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, para todos nós espíritas, sem exceção. ●

Aos Colaboradores de Reformador

Com o objetivo de facilitar o trabalho dos colaboradores de Reformador e dos serviços da sua Redação, tendo em vista a nova diagramação da Revista, solicitamos aos articulistas o obséquio de anotarem as seguintes observações:

1. Aos artigos deverão acompanhar, além do nome do autor, seu endereço completo, telefone, fax e, se for o caso, o *E-mail*, o que facilitará os contatos da Redação com o autor.

2. **Artigos formatados em processador de texto (justificados):** As matérias deverão ter, de preferência, até 58 linhas – 3.119 caracteres (1 página da Revista) –, ou até 174 linhas – 9.357 caracteres (3 páginas), podendo conter ilustrações (fotos, etc.), que se relacionem com o assunto e tenham boa qualidade para impressão em cores.

2.1 No caso de assuntos especiais (pesquisas, trabalhos apresentados em congressos e outros), o limite acima não precisa ser observado.

2.2 É recomendável a utilização da Fonte Courier New, tamanho 12, formato A4, em uma coluna, preferencialmente em Ms-Word for Windows e observando-se a régua padrão.

3. **Textos datilografados:** Com os mesmos limites de linhas e as ilustrações a que se refere o item 2, e com a exceção do subitem 2.1.

4. **Referências bibliográficas:** Quando a citação de uma obra é feita pela primeira vez, a sua referência deve ser completa. Exemplo: PEREIRA, Yvonne A. *À Luz do Consolador*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, p. 9-10.

5. Os trabalhos poderão ser enviados por via postal:

- a) em folhas datilografadas ou impressas;
- b) através de disquete de 1,44 (3,5”);

Endereço:

Federação Espírita Brasileira
Revista Reformador
Rua Souza Valente, 17 - São Cristóvão
20941-040 - Rio de Janeiro - RJ

c) ou via *E-mail* para: feb@febrasil.org.br

As Características do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita

JOSÉ CARLOS DA SILVA SILVEIRA

O Grande Julgamento

“Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; – reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas, – e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; – porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me deste de beber; careci de teto e me hospedastes; – estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver. Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? – Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? – E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? – O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes. Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; – porquanto, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes. Também eles replicarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos? – Ele então lhes responderá: Em verdade vos digo: todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo. E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna.” (Mateus, 25:31-46; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XV, item 1, p. 245-246.)

Na passagem *O Grande Julgamento* (Mateus, 25:31-46 – ver texto acima), Jesus apresenta o programa de assistência aos necessitados sociais a ser seguido pelos homens de todos os tempos. Por encerrar as diretrizes do pensamento espírita, esse programa constitui a base do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita (SAPSE), conforme diretriz contida no capítulo IX do opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*, 4. ed. FEB, 1996.

Ao se examinar a narrativa evangélica em apreço, uma pergunta vem logo à baila: em que se baseou o veredito do rei? Decerto, não foi em nenhuma questão de ordem material ou religiosa. O julgamento se fundamentou apenas na prestação, ou não, da assistência. É de notar, entretanto, que Jesus não diz, simplesmente: “sois benditos porque ajudastes”. Seria muito impessoal, não realçaria o envolvimento afetivo que deve existir entre as criaturas. Prefere situar o ensino em torno das necessidades humanas, e, para dar maior força ao ensinamento, coloca-se na situação do carente de assistência, dizendo: “tive fome”, “tive sede”, “careci de teto”, “estive nu”, “achei-me doente”, “estive preso”. Estimula, assim, o sentimento de *piedade ou compaixão* pelos que sofrem, sentimento esse que é o móvel da prestação da assistência. Ressalte-se, ainda, nessa lição, o que se dá em relação a todos os ensinamentos de Jesus: a possibilidade de ver através da letra e perceber a amplitude da mensagem aí contida. Dessa forma, aqui, com certeza, a *fome*, a *sede* e a *carência de teto* não são apenas materiais, mas abrangem os

reclamos afetivos e as ânsias de progresso do Espírito necessitado. De igual modo, a *nudez*, a *doença* e a *prisão* exprimem também os estados de penúria moral, em que a alma se encontra ignorante, debilitada pelas próprias imperfeições, ou cativa dos sentimentos inferiores que ainda carrega consigo. Todas essas situações constituem apelos ao coração, incentivando a prestação da assistência. Os que estavam à direita do Rei foram tocados interiormente e compreenderam o chamamento que lhes fora endereçado. Daí haverem recebido a recompensa merecida. Os que estavam à sua esquerda, entretanto, não sentiram compaixão pelos necessitados, não os ajudaram em suas carências, passando a sofrer as conseqüências dos seus atos.

Esse ensinamento traz à discussão a questão da caridade.

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 886, os Espíritos Superiores esclarecem qual o verdadeiro sentido da caridade ensinada por Jesus, in verbis :

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

A caridade, assim, não se restringe à esmola – com a qual é freqüentemente confundida –, mas abrange os sentimentos de *benevolência*, de *indulgência* e de *perdão*, sentimentos esses que constituem a base da harmonia entre os homens. A exortação à caridade se encontra presente na lição em referência, uma vez que o atendimento às carências humanas – tanto materiais, como morais ou espirituais – reclama o comprometimento afetivo entre quem ajuda e quem é ajudado, e esse comprometimento apenas se concretiza onde há os sentimentos de *benevolência*, de *indulgência* e de *perdão*.

Esse o programa assistencial traçado por Jesus, e é nele – juntamente com os esclarecimentos trazidos pelos Espíritos Superiores acerca do conceito de caridade – que vamos encontrar as características do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

Pode-se dizer, à luz desses ensinamentos, que o Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita se caracteriza, acima de tudo, pela busca da promoção do ser humano, uma vez que propõe oferecer-lhe condições para que supere a situação de penúria sócio-econômico-moral-espiritual em que se encontra. Para isso, não basta doar-lhe bens materiais – procedimento que, quando dissociado dos objetivos promocionais, evidencia a prática do assistencialismo, que alimenta e protege tão-somente o corpo – que morre – e se descuida do Espírito – que viverá para sempre. É imprescindível educá-lo, estimulando-o a descobrir dentro de si os valores positivos que todos nós trazemos, a fim de que ele se torne agente da sua própria promoção – condição essencial para o seu soerguimento. A caridade, profundamente considerada, leva ao entendimento da necessidade da educação, sem a qual a *benevolência*, a *indulgência* e o *perdão* – conteúdos da caridade – se tornam sentimentos superficiais porque não ajudam a levantar-se aquele que caiu ante as dificuldades da existência. A educação é, com efeito, o processo da auto-evangelização, pelo qual nos tornamos, pouco a pouco, autênticos homens de bem.

Por outro lado, se aquele que se acha em posição de carência social é receptivo ao conhecimento espírita, ele encontra, nesse conhecimento, um fator decisivo para ajudá-lo na busca da sua promoção, uma vez que passa a compreender, sob o enfoque da lei de causa e efeito, a razão dos seus sofrimentos tanto quanto o seu futuro promissor, o que, naturalmente, lhe proporcionará meios mais amplos de crescimento em todos os sentidos. Daí a necessidade de divulgação da Doutrina Espírita entre aqueles que são atendidos pelo setor assis-

tencial do Centro Espírita, não com o objetivo de torná-los espíritas – o que seria contrário ao princípio de liberdade contido no Espiritismo –, mas para que possam conhecer os ensinamentos doutrinários, os quais, se aceitos, serão de grande valia para o seu progresso espiritual, moral e social. Pode-se mesmo dizer que a possibilidade de crescimento que a Doutrina Espírita oferece é o grande traço distintivo entre o Serviço de Assistência e Promoção Social realizado pelo Movimento Espírita e o trabalho assistencial existente em outros setores da sociedade.

Destaque-se, finalmente, uma característica do SAPSE de alta relevância para o trabalhador espírita, com reflexos positivos no próprio Movimento Espírita. É que o contato direto com as necessidades materiais, morais e espirituais do próximo – expostas, em geral, de modo tão ostensivo, sem nenhuma preocupação pela aparência social –, desenvolve o sentimento da compaixão – ponto essencial para a vivência plena da caridade. Assim, à medida que o trabalhador espírita se esforça por ajudar, em profundidade, o irmão que se apresenta social, moral e espiritualmente carente, ele também cresce, libertando-se do egoísmo e tornando-se cada vez mais consciente das suas responsabilidades diante da vida.

●

Duas Naus. Um Capitão...

KLEBER HALFELD

Na França foi um dos mais ardorosos adeptos do Romantismo, escola literária que via na imitação dos autores da Antigüidade Greco-Romana único caminho para fazer frente ao Classicismo.

No Plano Espiritual, consoante notícia que lemos na obra *Devassando o Invisível*, de Yvonne A. Pereira, foi escalado pelos Mentores Espirituais para capitanear o movimento renovador que se instalará de forma mais ativa no planeta Terra a partir do século XVII.

Membro da célebre Academia Francesa, de origem que remonta ao ano 1630, no reinado de Luís XIII, e considerada a mais famosa, das cinco academias do Instituto de França, era cognominado “Leão das Tulherias” em razão de seu espírito combativo.

Seu nome, Victor Marie Hugo.

Mais conhecido, simplesmente, por Victor Hugo.



É grande a influência de Victor Hugo sobre os escritores ocidentais, em particular os de idiomas românticos. No Brasil destaca-se Castro Alves, embora outros nomes possamos mencionar como Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo, Francisco Otaviano, Gonçalves Dias, José de Alencar, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela.

Com referência à adjetivação são realmente significativos os elogios atribuídos a Victor Hugo:

- O mais célebre dos poetas franceses modernos.
- Figura proeminente na literatura européia.
- Representa o zênite de um movimento romântico e individualista.

Quando tinha 11 anos escreveu estes versos:

“Eu tive em minha loira infância,

ah! demais efêmera,

três mestres:

um jardim, um velho padre e minha mãe...”

Tem fundamento semelhante afirmativa.

O jardim seria o da casa da Rua das Feuillantines, uma das casas que Victor Hugo habitou na capital francesa.

No antigo convento das religiosas das Feuillantines deveria ali viver um velho padre.

Quanto à mãe, lembremos que o escritor com ela passou a maior parte de sua infância, porquanto o pai, um militar, sempre estava longe, em serviço.

Desta forma, o contato com a Natureza (a quem George Louis Leclerc Buffon chamava de “trono exterior da magnificência divina”), com a sistemática religiosa de um sacerdote e, finalmente, a identificação com sua genitora, todos esses fatores serviriam para influenciar de forma acentuada o respeitável homem de letras, influência presente em muitas de suas obras!

Não imagino imprescindível aqui uma longa dissertação sobre a obra literária do grande escritor francês. Importante é que na citação de algumas ocorrên-

cias, desconhecidas dos literatos não identificados com as obras da estante espírita, justificada fique a razão pela qual foi seu nome escolhido no Plano Espiritual para abençoada missão em sua próxima existência. (Detalhe que será revelado mais à frente do presente trabalho.)

Na França, principalmente, foi por muitos considerado um extravagante em afirmativas. Por exemplo, quando pressentia a desencarnação, esclareceu:

– Dou 50 mil francos aos pobres. Desejo ser levado ao cemitério em um carro fúnebre, recuso a oração de qualquer igreja, rogo as preces de todas as almas. Creio em Deus.

Malgrado, entretanto, outras afirmativas consideradas também extravagantes, não pode a França deixar de considerá-lo como um de seus mais expressivos vultos.

Hoje, em nosso país, é respeitado igualmente pelo trabalho que, do Além, vem desenvolvendo, referência feita à literatura espírita.



Razões não faltavam para que o filho do Conde Joseph Léopold – Sigisberto Hugo, general de Napoleão –, recebesse o expressivo cognome de “Leão das Tulherias”. Poeta, escritor, dramaturgo, jornalista, enfim, um idealista obstinado, não se atemorizava diante das conseqüências que suas iniciativas pudessem criar.

Quando em 1827 foi editada a obra *Cromwell*, peça teatral que ficaria largamente conhecida em vários países, escreveu Victor Hugo em seu Prefácio:

– Em nome da Verdade todas as regras ficam abolidas. O artista é senhor para escolher as convenções que lhe aprouverem!

Semelhante afirmativa não era tão apenas “um grito de guerra” da nova escola literária que almejava o prevailecimento da imaginação sobre a análise crítica, do sentimento sobre a razão!

O romantismo ao qual se filiaría Victor Hugo não poderia deixar de enfrentar, é óbvio, a natural reação de alguns literatos, embora saibamos que outras figuras de respeito já houvessem preparado a opinião do mundo das letras para o surgimento da nova Escola. Entre outros, sejam mencionados os nomes de Renê de Chateaubriand, Mme. de Staël e Alfred de Vigny.

Oportuno lembrar ainda que a revolução romântica encontrou um campo menos impregnado de reações violentas, porquanto estava o país inquieto e ávido de mudanças na pauta repentina que se seguiria ao clima de agitação e às grandes transformações políticas da Revolução de 1789, a qual determinaria o fim da Realeza.

A afirmativa de Victor Hugo em *Cromwell* deixa transparecer a filosofia do homem de ação determinada, do adversário das convenções, do defensor apaixonado dos excluídos.

Semelhantes predicados, que o acompanhariam ao Mundo Espiritual haveriam de influenciar, naturalmente, os Mentores no sentido de nomeá-lo para capitanear no futuro a tarefa renovadora de um ou mais segmentos no planeta Terra, também inquieto como a França do passado, ávido de mudanças. De um planeta ansioso de sair da faixa de *mundo de provas e expiações* para entrar naquela de *regeneração*!

No capítulo III – “Frederico Chopin na Espiritualidade”, da obra *Devassando o Invisível*, nossa querida médium Yvonne A. Pereira – hoje no Plano Espiritual – escreve que na data de 10 de março de 1958 teve a imensa alegria de avistar “materializado plenamente à sua frente” o vulto do inesquecível músico polonês,

oportunidade em que este lhe fez interessante revelação:

“Declarou que, salvo resoluções posteriores, pretende reencarnar (ele, Chopin) no Brasil, país que futuramente muito auxiliará o triunfo moral das criaturas necessitadas de progresso, mas que tal acontecimento só se verificará do ano de 2000 em diante, quando descerá à Terra brilhante falange com o compromisso de levantar, moralizar e sublimar as Artes. Não poderá precisar a época exata. Só sabe que será depois do ano 2000, e que a dita falange será como que capitaneada por Victor Hugo, Espírito experiente e orientador (a quem se acha ligado por afinidades espirituais seculares), capaz de executar missões dessa natureza. (Grifei.)



Enfoquemos a seguir Victor Hugo em sua identificação com a Doutrina Espírita na França do século XIX e com o Brasil em pleno século XX.

Na França – Kardec em sua *Revista Espírita*, número referente a agosto de 1863, falando a respeito dos precursores do Espiritismo, refere-se a Victor Hugo, reproduzindo a carta que este escrevera em 23 de maio, endereçada a Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine, poeta francês, autor da obra *Premières Méditations Poétiques*, trabalho que, editado em 1820, alcançou grande sucesso. (Entre parênteses esclarecemos aos leitores que os volumes dos anos 1863 e 1869 da *Revista Espírita* possuem algumas páginas assinadas por Lamartine, figura de projeção na França, uma vez que chegou a ser membro do governo provisório e ministro do Exterior.)

Com a publicação de sua obra *Meditações Poéticas* a jovem geração romântica saudou-o como mestre!

Quando da desencarnação da esposa de Lamartine, Victor Hugo endereçou a ele a seguinte carta:

“Hauterville – House, 23 de maio

Caro Lamartine,

uma grande desgraça vos fere. Necessito pôr meu coração junto do vosso. Eu venerava aquela que amáveis. Vosso alto espírito vê além do horizonte; percebeis distintamente a vida futura.

Não é a vós que se precisa dizer. Esperai. Sois daqueles que sabem e esperam.

Ela é sempre vossa companheira, invisível, mas *presente*. Perdestes a esposa, mas não a alma. Caro amigo vivamos nos mortos.”

Dois anos mais tarde voltaria a grande figura da Escola Romântica a ver publicado em diversos jornais da França o discurso que ele fizera no cemitério de Guernesey, quando da desencarnação da jovem Emily de Putron.

Incontestável razão possuía o Codificador ao escrever na *Revista Espírita* de 1865, número de fevereiro, que Victor Hugo tinha perfeita identificação com o Espiritismo.

Semelhante declaração, feita após a transcrição de alguns tópicos do mencionado discurso, era do teor seguinte:

“A estas palavras notáveis não falta absolutamente senão a palavra *Espiritismo*. Não são apenas a expressão de uma crença vaga na alma e em sua sobrevivência; ainda menos o frio nada, sucedendo à atividade da vida, enterrando para sempre, sob um monte de gelo, o espírito, a graça, a beleza, as qualidades de coração; não são, também, a alma abismada neste oceano do infinito, que se chama o todo universal; são bem o seu ideal, individual, presente em nosso meio, socorrendo aos que lhe são caros, vendo-os, escutando-os, falando-lhes

pelo pensamento.”

E mais adiante questiona de forma incisiva:

“Não é exatamente, o que ensina o Espiritismo?”

Observação – A título de curiosidade, seja mencionada aqui a obra que foi editada em 1829, na França, *Le dernier jour d'un condamné* (“O último dia de um condenado”), livro que constituiu como que um apelo à supressão da pena de morte. Fosse editada esta obra presentemente, talvez não causasse maior impacto, uma vez que ninguém ignora a reação existente na maioria dos países a esse sistema de condenação. Mas, para o século passado, poder-se-á concluir grande era o arrojo de Victor Hugo considerando-se que a pena de morte era encarada como fato normal.

Neste particular justo recordemos a vigorosa campanha de esclarecimento que vem sendo realizada há longo tempo pela FEB – Federação Espírita Brasileira – em torno dos temas: **Pena de morte, aborto, eutanásia e suicídio**.

No Brasil – Em nosso País o Espírito Victor Hugo tem desenvolvido amplo trabalho no setor da literatura espírita. Através do médium Divaldo Pereira Franco escreveu duas obras: **Sublime Expição e Párias em Redenção**. Usando aqui os comentários da própria editora FEB, o primeiro trabalho trata da “expição de um hanseniano, mostrando a problemática da hanseníase sob a visão espírita”, enquanto a segunda obra mostra ao leitor o enredo que passa “da dor à esperança, do passado de sombras ao futuro da luz”.

Por intermédio da mediunidade psicográfica de Zilda Gama deixou o Espírito Victor Hugo *Almas Crucificadas, Do Calvário ao Infinito, Dor Suprema, Na Sombra e na Luz e Redenção*, editados pela FEB.

Todos estes livros constituem repositórios de belíssimas páginas que distraem, educam e emocionam o leitor, ávido não apenas de conhecimentos que possam ilustrar a sua mente, mas também, de mensagens para o conforto de seus corações.

São obras, pois, de grande valor que não devem faltar em nossas estantes.



Escola Romântica. Ou Romantismo. Uma nau.

Manifestando-se nas letras e nas artes desde o final do século XVIII na Inglaterra e na Alemanha, floresceu a seguir no século XIX na França, Itália, Espanha, Portugal, no Brasil e nos países escandinavos.

Teve a França em Victor Hugo um de seus intrépidos “capitães”.

Planeta Terra. Mundo de provas e expiações. Segunda nau.

A confirmar a afirmativa de Frédéric François Chopin, terá o “Leão das Tuherias” novo ensejo de capitanear brilhante falange de entidades espirituais. Com sua bagagem literária e seu coração envolto pelas luzes esclarecedoras da Terceira Revelação, possa ele servir de farol para os Espíritos que buscarão o plano terrestre, em sublime tarefa de renovação dos costumes!

Àquele que questionar: – terá condição de sair vitorioso o grande “capitão” dessa memorável missão? – creio poder responder afirmativamente.

Já em sua última encarnação manifestava claro raciocínio de responsabilidade, guardando no íntimo a certeza de que importante é o trabalho meritório de libertação que o homem deixa realizado.

Em seu exílio insular, em decorrência de seus pensamentos idealistas, escreveu:

– Os pensadores emancipam o gênero humano. Sofrem, mas triunfam. E é

pelo sacrifício que eles, não raro, alcançam a redenção dos outros. Podem sucumbir no exílio, no cárcere ou no patíbulo. O seu ideal lhes sobrevive e, mesmo depois da morte, continua a tarefa libertadora que eles encetaram na vida!

Bibliografia:

Grande Enciclopédia Larousse Cultural.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

Grande Enciclopédia Delta Larousse

Pereira, Yvonne A. *Devassando o Invisível*, 10. ed. FEB: Rio de Janeiro, 1998.

Revista Espírita – Anos de 1863, 1865 e 1869.

Enciclopédia Conhecer – Volume X.

O Rotary Internacional e o neoliberalismo no Brasil – Dr. José Carneiro Gondin.

Dr. Tomás Novelino

O Dr. Tomás Novelino desencarnou em 31 de outubro de 2000, em Franca (SP), aos 99 anos.

Nasceu em Delfinópolis aos 6 de outubro de 1901, ficou órfão de pai e mãe aos

6 anos de idade. Foi encaminhado posteriormente ao Asilo Anália Franco em São Paulo, onde permaneceu dos 7 aos 12 anos de idade.

Quando contava 15 anos foi encaminhado a Sacramento (MG), para estudar com Eurípedes Barsanulfo, grande educador e um dos maiores vultos do Espiritismo brasileiro. Com Eurípedes permaneceu até 1918, portanto até aos 17 anos, por ocasião do falecimento deste.

Formou-se em medicina na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1928, e em 1934 radicou-se definitivamente em Franca.

Em Franca viveu até o seu falecimento. Exerceu a medicina de forma honesta e muito humana, mas foi no campo da Doutrina Espírita que o seu empenho foi mais proeminente.

Em Franca fundou, junto com sua esposa, D^a Maria Aparecida Rebêlo Novelino, já desencarnada, um dos mais importantes Colégios Espíritas do Brasil, o Educandário Pestalozzi – que é um dos melhores colégios da região –, além disso o casal criou Lares-Escolas, chegando, em determinado período, a atender quase 1.000 crianças carentes.

A fim de ajudar nas despesas, o Dr. Novelino construiu uma fábrica de calçados e adquiriu uma fazenda com o objetivo de produzir alimentos para as crianças.

Sempre ligado a Eurípedes Barsanulfo, seu mestre e mentor, ajudou a construir o “Lar de Eurípedes”, em Sacramento, entidade que abriga e educa crianças carentes.

Sua desencarnação causou forte comoção em Franca e região, sendo amplamente noticiada pela imprensa, rádio e televisão.

Rogamos as bênçãos de Jesus para esse nobre Espírito, no seu retorno à Pátria Espiritual. ●

FEB/CFN – Comissões Regionais

Calendário das Reuniões Ordinárias de 2001

1. Comissão Regional Nordeste

1.1 – Cidade-sede: Maceió (AL).

1.2 – Período: 20 a 22 de abril.

1.3 – Tema: “A Vivência do Amor na Casa Espírita e na Ação Federativa: uma abordagem sistêmica.”

2. Comissão Regional Sul

2.1 – Cidade-sede: São Paulo (SP).

2.2 – Período: 4 a 6 de maio.

2.3 – Tema: “Recursos para a manutenção das atividades espíritas.”

3. Comissão Regional Norte

3.1 – Cidade-sede: Manaus (AM).

3.2 – Período: 15 a 17 de junho.

3.3 – Tema: “Avaliação das Reuniões das Comissões Regionais e seus reflexos na Federativa e no Movimento Espírita do Estado.”

4. Comissão Regional Centro

4.1 – Cidade-sede: Brasília (DF).

4.2 – Período: 29 de junho a 1o de julho.

4.3 – Tema: “Preparação dos trabalhadores e dos Centros Espíritas para atuarem junto às pessoas mais simples.”

5. Áreas Específicas

Concomitantemente com as Reuniões Ordinárias das Comissões Regionais serão realizadas, com temas próprios escolhidos em 2000, as reuniões das Áreas Específicas de: Infância e Juventude, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, Comunicação Social Espírita, Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, Atividade Mediúnica e Assistência Espiritual.

Nota – Reunião do CFN: A Reunião Ordinária de 2001, do Conselho Federativo Nacional, a realizar-se na sede da FEB, em Brasília (DF), foi fixada para o período de 9 a 11 de novembro. ●

Seara Espírita

R. G. do Sul: Encontro de Evangelizadores Espíritas

Patrocinado pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul, será realizado em Porto Alegre, no próximo dia 3 de março, o Encontro Estadual de Evangelizadores Espíritas, com a abordagem do tema *Desafio do Século XXI – Evangelização das Novas Gerações*. Participarão do evento Cecília Rocha e Rute Ribeiro, respectivamente, Vice-Presidente e Diretora da FEB, que farão, também, visitas e palestras em Instituições Espíritas do interior do Estado.

Chico Xavier: “Mineiro do Século”

O médium Francisco Cândido Xavier foi eleito o “Mineiro do Século”, numa promoção da Rede Globo/Minas, que atraiu, em 15 dias, mais de 2,5 milhões de votantes, através do telefone e da Internet. Chico Xavier recebeu 704.030 votos em todo o Estado, ficando em segundo lugar o inventor da aviação, Santos Dumont, com 701.598 votos, e, em terceiro, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, com 260.336 votos.

Holanda: Difusão da Doutrina Espírita

O *Allan Kardec Studie Groep* (Grupo de Estudos Espíritas Allan Kardec), que funciona há sete anos em Rotterdam, dinamizou ainda mais as suas atividades de promoção do estudo e difusão da Doutrina Espírita. Em sua sede (Zegenstraat 77 – 3082 XR Rotterdam – Holanda) são realizadas reuniões de estudo das obras básicas de Allan Kardec, como *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Os fundadores do Grupo, confrades Mônica e Pieter van Roijen, pretendem agora promover a fundação de grupos espíritas em outras dez cidades holandesas. (SEI.)

Salvador (BA): Confraternização de Juventudes Espíritas

A Federação Espírita do Estado da Bahia promoveu e o seu Departamento de Infância e Juventude realizou, no Centro Espírita Caminho da Redenção (Mansão do Caminho), em 18 e 19 de novembro de 2000, a 1ª CONJES – Confraternização de Juventudes Espíritas de Salvador –, com a participação de Divaldo Pereira Franco. O tema abordado foi: *Um Jovem chamado Amor*.

Simpósio de Psicologia e Espiritismo

A Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE) e a U.S.E. Municipal de Santo André realizarão em 1o de abril deste ano o IV Simpósio Brasileiro de Psicologia e Espiritismo, na Instituição Assistencial Espírita Creche Amélia Rodrigues (Rua Silveiras, 17, Vila Guiomar, Santo André-SP), com o tema central – *A Loucura e a Mediunidade sob novo prisma*.

Argentina: Encontro Espiritista

Realizou-se no dia 11 de novembro de 2000, no Teatro Lasalle, Cidade Autônoma de Buenos Aires, o 5º *Encuentro Espiritista Argentino Kardeciano*, promovido pela DEK – *Difusión Espiritista Kardeciana*.

Despertar de um Mundo Melhor

Este é o novo nome do Programa *Despertar do Terceiro Milênio*, produzido pelo Lar Fabiano de Cristo e agora apresentado aos domingos pela TVE, canal 2, do Rio de Janeiro, que vai ao ar das 7 às 8 horas, em rede nacional, e continua sendo transmitido pela Rádio Rio de Janeiro, no mesmo dia, das 8 às 9 horas. Para quem tem antena parabólica, é só sintonizar o canal 11 da polarização horizontal, das 8h55 às 9h55.

Acre: Feira do Livro Espírita

A Federação Espírita do Estado do Acre promoveu, na Biblioteca Pública de Rio Branco, de 25 de novembro a 3 de dezembro de 2000, a XV Feira do Livro Espírita, com a participação de seis Centros Espíritas.

Portugal: Congresso Espírita

Com a presença de cerca de setecentos congressistas, ocorreu no período de 28 a 30 de outubro de 2000, em Viseu, o III Congresso Nacional de Espiritismo, organizado pela Federação Espírita Portuguesa, quando foi abordado, sob diferentes aspectos evangélico-doutrinários, o tema – *Espiritismo/Cristianismo redivivo, novos caminhos*. A conferência de abertura foi proferida por José Raul Teixeira e a de encerramento por Divaldo Pereira Franco.



REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome

Endereço

Bairro..... CEP

Cidade Estado

País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome

Endereço

Bairro..... CEP

Cidade Estado

País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome.....

Endereço CEP

Município..... Estado País

Tel.: () Celular ()..... Fax

E-Mail Identidade CPF.....

Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.

Obrigado.